

Universidade de Brasília-UnB

Faculdade de Planaltina-FUP

Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo

IONARA DE PAIVA PEREIRA

**UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICANO CONTEXTO DO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA.**

Planaltina-DF

2019

IONARA DE PAIVA PEREIRA

**UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICO NO CONTEXTO DO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito para obter o título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.
Orientadora: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina-DF

2019

IONARA DE PAIVA PEREIRA

**UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA NO CONTEXTO DO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA.**

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa
Universidade de Brasília - UnB.

Profª Dra. Maria Osanette de Medeiros (Examinadora)
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Me. Newton Vieira Lima Neto (Examinador)
Instituto Federal de Brasília - IFB

**Planaltina-DF
2019**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Ednélia Onofre de Paiva, à minha filha Maria Victoria de Paiva, ao meu padrasto Davino Pires, aos meus irmãos Ilka e Igor de Paiva, ao meu pai Célio Pereira (in memoriam) e aos meus familiares e amigos.

Em especial dedico também aos movimentos sociais que lutaram e deram a vida para que eu e meus companheiros camponeses pudéssemos ter a oportunidade de cursar uma graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de viver e conseguir lutar pra alcançar os meus objetivos. Minha fé nunca se abalou e a minha vitória chegou.

Agradeço à minha mãe Ednélia e ao meu padrasto Davino por cuidarem da minha filha e estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins que passei no curso; por inúmeras vezes quis desistir, e eles estavam me dando força.

Agradeço à minha família de sangue pelo apoio.

Agradeço aos meus companheiros de jornada e irmãos de luta da família Turma 7 (Margarida Alves), em especial a Daiane Marques, Elizene Nunes, Gustavo Lima, Edjarlo Soares, Wiliam Aquino, Wandersom Pereira e Carla Socorro, a cada dia da etapa onde as coisas se tornavam difíceis, nos apoiávamos e nos dávamos força para não desistir, e principalmente pelos momentos inesquecíveis que passamos juntos. Agradeço à turma de linguagens pelo apoio e união.

Agradeço à equipe do Colégio Estadual Vale da Esperança por sempre apoiar os estudantes da LEdoC e viabilizarem os nossos projetos na escola.

Agradeço ao meu amigo Lucas Miguel por ter me ajudado na geração de dados e detalhes do meu trabalho. Ele tem se tornado um grande amigo e companheiro nesse processo.

Agradeço aos mestres do Curso de Licenciatura em Educação do Campo que além da formação acadêmica nos ensinaram a importância de seguir na luta contra a hegemonia e o sistema fascista e opressor Eliene, Jair Reck, João Batista, Eliete, Joelma, Juliana, Rosineide, Bernard, Rafael, Luiz Henrique (Zarref), Ana Cristina, Sissi, Cristiane, Joniana, Clarice, Pasqueti, Ana Cotrim e em especial, professor Djiby Mané que me orientou com paciência no meu trabalho até onde pudemos caminhar juntos; Professora Rosineide Magalhães, por aceitar me orientar para finalizar o trabalho, com paciência, fé e disposição ao acreditar no meu trabalho;

Professor Felipe Canova, que foi um amigo em um momento muito delicado da minha vida.

Agradeço aos professores da Banca Examinadora, Prof^a. Dra. Maria Osanette Medeiros e Prof. Me. Newton Vieira, por aceitarem examinar o meu trabalho.

Agradeço ao ex-Presidente Lula e ao ex-Ministro da Educação Fernando Haddad pelas políticas de inclusão e permanência nos cursos superiores. O governo do PT lutou e continua lutando para que o nosso país seja um país igualitário e com oportunidades justas.

Agradeço a todos de coração.

*“Aquele que habita no esconderijo do
Altíssimo, à sombra do Onipotente
descansará. Direi do Senhor: Ele é o
meu Deus o meu refúgio, a minha
fortaleza, e nele confiarei.”
(Salmos, 91 1-2).*

*“Todo saberes vem do viver, toda
alegria nos traz o saber. Educar, é
saber amar, uma sociedade poder
transformar. Cada passo que andar,
essa história vai nos dar, novo tempo
pra colher, aprender e ensinar.”
(Cantares da Educação do Campo,
faixa 03)*

RESUMO

O presente trabalho é resultado da pesquisa sobre o contexto sociolinguístico no contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança (CEVE), com objetivo de investigar o surgimento de uma possível variedade linguística nessa comunidade. Foi a partir das inserções orientadas na escola, como bolsista do PIBID, estágio supervisionado e principalmente como professora regente no CEVE desde o ano de 2012, que despertou o interesse em investigar os fenômenos linguísticos dos estudantes especificamente do 9º ano do Ensino Fundamental e dos professores. Para fundamentar a minha pesquisa, busco dialogar com as teorias de BORTONI-RICARDO (2004, 2005), BAGNO (2007), CARDOSO E COBUCCI (2014) e CAVALIERE, (2005), que fundamentam a análise dos dados gerados durante a pesquisa. A pesquisa apresentada neste trabalho tem caráter qualitativo e o procedimento da geração de dados deu-se por meio de gravações de conversas espontâneas entre os professores e na sala de aula entre os estudantes do CEVE. O Colégio Estadual Vale da Esperança está localizado no Assentamento Vale da Esperança, município de Formosa – GO. Para identificar as pessoas no processo de pesquisa foram usados nomes fictícios para professores e a letra E seguida de um número, para identificar estudantes, a fim de preservar suas identidades. Ao final da pesquisa e análise dos dados gerados, pude identificar o surgimento de possíveis variedades linguísticas que se agregaram à fala dos grupos investigados. Para além desta identificação, a pesquisa contribui para reflexão do ensino de língua portuguesa na sala de aula levando em consideração o campo linguístico que permeia as comunidades de fala no contexto escolar.

Palavras – chaves: sociolinguística; variedade; variação; competência.

ABSTRACT

The present work is the result of research on the sociolinguistic context in the context of the Vale da Esperança State College (CEVE), in order to investigate the emergence of a possible linguistic variety in this community. It was from the orientated insertions in the school, as PIBID scholarship holder, supervised internship and mainly as regent teacher in the CEVE since the year 2012, that aroused the interest in investigating the linguistic phenomena of the students specifically of the 9th year of Elementary Education and of the teachers . To base my research, I seek to dialogue with the theories of BORTONI-RICARDO (2004, 2005), BAGNO (2007), CARDOSO AND COBUCCI (2014) and CAVALIERE, (2005), which base the analysis of the data generated during the research. The research presented in this work is qualitative and the data generation procedure was done through recordings of spontaneous conversations between teachers and in the classroom among CEVE students. The Vale da Esperança State College is located in the Vale da Esperança settlement, municipality of Formosa - GO. To identify the people in the search process were used fictitious names for teachers and the letter E followed by a number to identify students in order to preserve their identities. At the end of the research and analysis of the generated data, I was able to identify the appearance of possible linguistic varieties that were added to the speech of the groups investigated. In addition to this identification, the research contributes to the reflection of Portuguese language teaching in the classroom taking into account the linguistic field that permeates the speech communities in the school context.

Keywords: sociolinguistics; variety; variation; competence.

LISTA DE SIGLAS

APRAVALE – Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Vale da Esperança

CEVE – Colégio Estadual Vale da Esperança

COOPERVAL – Cooperativa Mista Vale da Esperança

FUP – Faculdade UnB Planaltina

IFB – Instituto Federal de Brasília

IFG – Instituto Federal de Goiás

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PIBID – Diversidade – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

TC – Tempo Comunidade

TE – Tempo Escola

TU – Tempo Universidade

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I:.....	16
1.2. População.....	18
1.2.1. Contextualização da comunidade.....	19
1.2.2. Contextualização da Escola.....	21
1.2.3. Um pouco da biografia da pesquisadora.....	26
1.2.4. A Educação do Campo.....	27
1.1.4. A licenciatura em Educação do Campo.....	28
1.2. Instrumento de geração dos dados.....	30
1.3. Procedimentos para a geração dos dados.....	30
1.4. Análise dos dados.....	31
CAPÍTULO II.....	33
1.1 . Mas o que é a Sociolinguística?.....	33
1.2 . Um pouco sobre língua.....	35
1.3. O que é Variedade linguística?.....	37
1.4. Variações linguísticas: os tipos de variações os níveis de variações.	38
1.4.1. Variação linguística o que é?.....	39
1.4.2. Os tipos de variações, quais são?	40
1.4.3. A variação nos níveis da língua.....	42
1.5. Processos fonológicos existentes na fala.....	44
CAPITULO III.....	47
3.1 Análise da fala do Grupo de Professores GP.....	48
3.2. Análise da fala de Grupo de Estudantes GE.....	56
CAPÍTULO IV	65
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que foi colonizado por Portugal no ano de 1500. A língua que predominou no território antes da colonização foi o tupi-guarani e outras línguas indígenas. O primeiro choque cultural deu-se no contato dessas diferentes línguas. Anos depois, vieram os negros trazidos da África com uma língua materna diferente da língua portuguesa e das línguas indígenas. Com a mistura de povos e culturas surgiu o nosso português brasileiro. Por conta dessa miscigenação, o nosso país tem uma característica diferenciada não só na língua, mas também na sua cultura.

O estado de Goiás localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, foi fundado no ano de 1744. Seu nome deriva de uma tribo indígena chamada Goiá, que habitava a região antes da chegada dos bandeirantes que desbravaram as terras goianas em busca de metais preciosos. Quase um século depois, as atividades econômicas de Goiás passaram a ser por meio da pecuária, e até os dias atuais esta é uma atividade que movimenta o mercado financeiro do estado. Segundo os dados do IBGE, censo de 2018, a população estimada do estado é de 6.921.161 de habitantes. Goiás é composto por 246 municípios entre eles Formosa.

A cidade de Formosa está localizada na região leste de Goiás. A cidade teve origem no ano de 1763, em que pessoas com ordem do rei de Portugal, se fixaram próximo à Lagoa Feia para cobranças de impostos para controlar a comercialização de mercadorias que ali circulavam, pois com o desenvolvimento de Goiás, o fluxo de pessoas nas terras goianas havia aumentado. A Lagoa Feia recebe esse nome devido a cor da água ser escura, a lagoa é um dos pontos turísticos da cidade para prática de esportes aquáticos. O primeiro nome da cidade foi Arraial dos Couros, devido aos viajantes que vinham da Bahia e Minas Gerais acamparem em barracas de couros de animais. O município foi criado em 1º de agosto do ano de 1863 com o nome de Vila Formosa da Imperatriz e depois mudou o nome para Formosa. Segundo os dados do IBGE de 2018, a população de Formosa é de 119.506 pessoas. O município faz parte de cidades do entrono do Distrito Federal, fator relevante para indústria e comércio.

O Assentamento Vale da Esperança não se diferencia da maior parte do território brasileiro, com relação à língua falada por seus moradores. Situado no Leste goiano, no município de Formosa, a miscigenação dos moradores é visível, por se tratar de um assentamento de Reforma Agrária. E no seu processo de ocupação, vieram muitas pessoas de regiões diferentes, com culturas diferentes e principalmente a maneira de falar específica de sua região de origem.

No assentamento, encontro assentados e compradores de parcelas vindos das regiões Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), Sudeste (São Paulo, Minas Gerais) Nordeste (Bahia, Piauí, Ceará), Centro-oeste (Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e Norte (Tocantins e Pará). Com isso, pude observar a forma com que cada grupo familiar dessas regiões reflete na cultura dos estudantes e professores da escola e como essa questão cultural influencia na forma de falar dos moradores.

Neste trabalho, busco justificar que os fatores extralinguísticos podem resultar no surgimento de uma nova variedade linguística na comunidade pesquisada, refletindo sobre o estudo da Sociolinguística, sobre a Variação Linguística que associa a variação à heterogeneidade linguística, que é múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Essa heterogeneidade linguística entra em contato com a heterogeneidade social. A variação ocorre em todos os níveis da língua: a variação fonética – fonológica que influencia a pronúncia das palavras; a variação morfológica que altera a estrutura das palavras; variação sintática, que se refere à concordância, regência, colocação pronominal; variação semântica, em que as palavras podem ter mais de um significado dependendo da origem do falante; variação lexical, que se refere à diversidade de palavras que significam a mesma coisa, e variação estilística, que se refere à modalidade linguística usada em funções de contexto.

O objetivo deste trabalho consiste em fazer um levantamento breve das falas dos moradores do Assentamento Vale da Esperança, especificamente os estudantes e professores do Colégio Estadual Vale da Esperança no intuito de analisá-las, averiguar as variedades linguísticas existentes na escola e suas

respectivas origens e influências. Além disso, pretendo utilizar esses conhecimentos da pesquisa no ensino de língua portuguesa na escola.

Assim, surge a construção da identidade linguística do assentamento, através do diálogo entre os moradores com idades e níveis de escolaridade diferentes; às variedades linguísticas que aparecem na fala; o que permaneceu com o tempo com relação a fala e o que não é falado com frequência. Neste trabalho pude também identificar qual a forma regional de falar dos estudantes e funcionários do Colégio Estadual Vale da Esperança. Na escola do assentamento, pode ser diagnosticada essa forma de falar dos moradores, pois é no colégio onde a maioria dos moradores se encontram, e é esse grupo o que mais tem contato com novas variedades linguísticas.

A escolha do tema de pesquisa se deu por meio das aulas de Fundamentos da Linguística no curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC da Faculdade UnB Planaltina –FUP e, a partir daí, tive contato com linguistas, especificamente com a Sociolinguística. Esse conhecimento ampliou os meus conhecimentos prévios sobre a língua e como ela se transforma. Durante as inserções orientadas no Colégio Estadual Vale da Esperança, por meio das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID – Diversidade, de estágios de regência, como professora titular de Língua Portuguesa e moradora da comunidade desde o ano de 2004, pude observar que o contato dos estudantes e moradores do Assentamento Vale da Esperança com novos moradores oriundos de outros estados ou da cidade favoreciam a constituição de uma possível variedade linguística, com o tempo eles, se apropriavam.

Este trabalho contribui para que possamos compreender a diversidade da fala nos vários contextos em que os falantes estão inseridos. Ao esclarecer dúvidas como “por que ela fala desse jeito?”, “ela está falando correto?” ou o significado de uma palavra diferente, irei contribuir para a reflexão sobre o que leva a existência do preconceito que existe na sociedade. Na escola, a contribuição deste trabalho dar-se-á pela maneira de como trataremos as variedades linguísticas na sala de aula, como apresentarmos as outras variedades, sem excluir ou corrigir o modo próprio de falar do estudante e professores.

O trabalho está dividido em quatro capítulos que se acrescentam, o capítulo 1, Metodologia de pesquisa, apresenta o tipo da pesquisa realizada, os objetivos da pesquisa, informações como população, contexto da escola e procedimentos para geração de dados e análise; o capítulo 2, Bases teóricas, traz as teorias que fundamentam a pesquisa realizada e o conceito de “Sociolinguística”, “Variedade linguística” e “Variações linguísticas” que orientam a investigação do tema de pesquisa; o capítulo 3, Análise de dados, apresenta a transcrição das gravações feitas com grupos focais para análise da fala e identificação das variedades linguísticas presente nessas falas gravadas; o capítulo 4, Reflexão da pesquisadora, traz a reflexão feita sobre o tema da pesquisa, sobre a importância de se trabalhar e como lidar com variedade linguística na sala de aula, além da observação do ponto de vista de pesquisadora e professora regente da disciplina de Língua Portuguesa no contexto escolar pesquisado.

CAPÍTULO I:

METODOLOGIA DE PESQUISA:

O quê e como...

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia do trabalho realizado. Portanto, durante todo o capítulo apresento o tipo de pesquisa desenvolvida no presente trabalho, os métodos de análise e geração de dados para a fundamentação do problema de pesquisa inicialmente apresentado, a comunidade pesquisada, o processo histórico da comunidade pesquisada, um breve relato da história da pesquisadora e a população selecionada para a análise da pesquisa. Os objetivos que nortearam os procedimentos para a pesquisa são:

- **Objetivo geral:**

Investigar a variedade linguística do Assentamento Vale da Esperança.

- **Objetivos específicos:**

- Identificar a variedade predominante dos moradores mais antigos do Assentamento Vale da Esperança.
- Registrar a variação linguística dos moradores.
- Analisar a variação linguística regional que configuram a nova linguagem.
- Entender como podemos tratar a variedade linguística dos pesquisados para refletir sobre o ensino de língua portuguesa.

Partindo desses objetivos, pude investigar o campo morfossintático e fonético na fala dos grupos pesquisados no contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança.

Sendo assim, neste capítulo, descrevoos procedimentos metodológicos utilizados durante a realização da pesquisa e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Ressalto também a importância da relação direta do pesquisador com o local pesquisado e a importância de gerar dados diretamente no local da pesquisa e população pesquisada. Para CRESWELL (2010), a conversa direta com as pessoas e observação de como elas se comportam e agem dentro de

seu contexto são características importantes da pesquisa qualitativa. No ambiente natural, os pesquisadores têm interações face a face no decorrer do tempo.

1.1. Caracterização da pesquisa

O desenvolvimento deste projeto se deu por meio de pesquisa qualitativa que tem como objetivo identificar a presença de novos fenômenos sociais. No caso desta pesquisa o surgimento de uma possível variedade linguística no contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança com os estudantes e funcionários do colégio, para medir a frequência e intensidade de comportamentos, atitudes e motivações de um determinado público alvo. Segundo Creswell (2010, p. 206):

A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; métodos de coleta, análise de interpretação dos dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto, imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação. (CRESWELL, 2010, p. 206)

Para analisar o problema de pesquisa e identificar a origem do surgimento de possíveis variedades linguísticas, foram realizadas observações em âmbito geral para conhecer toda a história da construção do Assentamento Vale da Esperança, a cultura local, as origens dos moradores e a língua falada pelos moradores. **Realizou-se** também uma observação específica para conhecer o lado particular do contexto pesquisado para identificar quais influências contribuíram nesse contexto. Foram realizadas gravações dos estudantes do 9º ano e professores do Colégio Estadual Vale da Esperança com famílias oriundas de diferentes regiões do Brasil para análise.

Para identificar essas pessoas que aparecem no decorrer da pesquisa, usei pseudônimos com árvores nativas do cerrado brasileiro para nomear os moradores do Assentamento Vale da Esperança no processo construção do assentamento e luta pela educação e para nomear os professores do CEVE. Já para identificar os estudantes do CEVE usei a letra E seguida de um número.

Todos esses métodos de geração e análise de dados baseiam-se na pesquisa qualitativa que CRESWELL (2010, p. 208) caracteriza da seguinte forma:

O pesquisador como um instrumento fundamental - os pesquisadores qualitativos coletam pessoalmente os dados por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes. Eles podem utilizar um protocolo - instrumento para a coleta dos dados, mas são eles próprios que coletam as informações. Não tendem a usar ou a se basear em questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores. (CRESWELL, 2010, p. 208)

Esse tipo de pesquisa baseia-se nos procedimentos do método indutivo, que parte da investigação PARTICULAR onde se aplica a pesquisa por meio da entrevista com as famílias para chegar à SITUAÇÃO GERAL do assentamento em relação à maneira como os moradores falam, comprovando a ideia da miscigenação cultural e a construção da identidade linguística do assentamento.

O método dialético, também se encaixa na pesquisa, pois se trata de uma pesquisa, que envolveu análise da comunidade e o seu processo de formação social, que também é um fator importante para o estudo da linguística, no intuito de entender os aspectos formativos locais.

1.2. População.

A população pesquisada neste trabalho é composta professores e estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança. Os pesquisados neste trabalho são de ambos os sexos e com a faixa etária dos estudantes entre 13 a 16 anos e os professores com idade entre 25 a 48 anos. A escolaridade dos grupos pesquisados, é do Ensino Fundamental incompleto e completo ao Ensino Superior Completo. O público em idade escolar do 9º ano do Ensino Fundamental regularmente matriculado, foi pesquisado no Colégio Estadual Vale da Esperança, assim como os professores do colégio. Este é o espaço de socialização e interação deste grupo, e esta interação que ocorre de maneira direta, influencia na formação de uma nova variedade linguística. Neste espaço, é perceptível o surgimento e adaptação de novas variedades

linguísticas. Os pesquisados com idade a partir de 13 anos têm papel fundamental na manutenção ou perda dessas variedades, pois a facilidade de adaptação às novas variedades é maior com esse público. A interação linguística entre professores e estudantes na sala de aula apresentam uma característica híbrida entre a fala monitorada do professor e o falar regional e popular dos estudantes, ambas se integram a fala dos grupos observados.

1.2.1. Contextualização da comunidade



FONTE: Maria Santana Onofre de Paiva

A fazenda Vale da Esperança está localizada a 70 km distante da sede do município, entre uma faixa de 25 km de asfalto e 45 km de estrada de terra, margeadas pelo Ribeirão Mato Grosso de sua foz até a cabeceira da Serra da Boa Vista ao Sul e margeado pelo Rio Paranã. Esta fazenda foi ocupada por 200 famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra vindas do acampamento Santa Bárbara localizado em Cabeceiras – GO. Na madrugada do dia 15 de julho de 1996, essas famílias saíram em busca da “terra prometida” no vão do Paranã, terra essa que havia sido desapropriada no dia 03 de julho do mesmo ano.

Dias depois, os trabalhadores organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Formosa-GO se juntaram ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para buscar a conquista da área. O primeiro acampamento no período de 15 de julho até meados de novembro do mesmo ano localizava-se na entrada da Fazenda Vale da Esperança, às margens do Ribeirão Mato Grosso.

No dia 23 de outubro do ano de 1996, as famílias receberam a visita de um oficial de justiça e funcionários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para imitar aos trabalhadores a posse da terra que é um dos procedimentos básicos do órgão. O período de chuvas se aproximava e o local do acampamento nos anos anteriores alagava, razão pela qual as famílias resolveram discutir nos grupos a mudança para um local sem risco de alagamento.

O caminho para a divisão do acampamento surgiu quando um dirigente do STR de Formosa resolveu fundar a APRAVALE (Associação dos Produtores do Vale da Esperança) com somente quarenta famílias, sendo que mais de 200 viviam no acampamento naquele momento.

As maneiras que cada organização tinha de ver e organizar o acampamento eram opostas, e cada vez mais a aliança entre os acampados se fragilizava, e os atritos entre as lideranças internas eram visíveis. Embora as famílias tivessem o mesmo objetivo principal, isso não impediu uma divisão do acampamento (essa divisão permanece até os dias atuais).

Porém, durante o processo organizativo interno, o grupo do MST resolveu dar sentido à luta, setorizando o acampamento. Cada setor tinha um nome de um filósofo ou revolucionário. Os acampados chegaram à um consenso e escolheram temporariamente o nome Assentamento Vale da Conquista. Houve também o evento Jornada da Reforma Agrária com o objetivo de organizar inteiramente o acampamento e fazer discussão sobre cooperativismo, educação, produção e relação de gênero.

O segundo acampamento construído dentro da área em novembro de 1996 permaneceu até janeiro de 1998, pois, a partir dessa data se deu a divisão das parcelas para os acampados. Assim, um grupo permaneceu no local atual do acampamento do MST, e o outro foi para próximo à sede da

fazenda com apoio do STR. Como as divergências eram cada vez frequentes, principalmente na prática e nas ideias dos dirigentes dos dois grupos, tornou-se insustentável esta união. No assentamento existiram e ainda existem as seguintes organizações:

- APRAVALE – Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Vale da Esperança, fundada em 1996, ligada ao STR.
- COOPERVAL – Cooperativa Mista Vale da Esperança, fundada em 2009, existente até os dias atuais. (Está ocupa a sede da fazenda que era para eventos o assentamento).

1.2.2. Contextualização da Escola.



FONTE: Márcio Moreira da Silva

A conquista da escola no acampamento Vale da Esperança em 1996 se deu com muita luta e organização das famílias acampadas. As negociações iniciaram-se em agosto do seguinte ano, pois nesse período as crianças ainda continuavam sem aula. Então, as famílias organizadas resolveram agir. Criou-se uma comissão de Educação com o seguinte perfil: interessados na discussão por educação em acampamentos da Reforma Agrária e professores que se encontravam no acampamento. Essa comissão contou com o envolvimento de mães e da comunidade acampada. Mais adiante, formou-se uma equipe permanente de trabalho que cuidava da educação.

Alguns objetivos foram traçados pelas famílias Sem Terra, no acampamento Vale da Esperança, como: fazer um diagnóstico da situação de escolarização das crianças, adolescentes, jovens e adultos que ainda não sabiam ler e escrever; negociar junto ao poder público do município uma escola para o acampamento de acordo com suas necessidades; realizar um levantamento de pessoas entre os acampados que tivessem concluído o Ensino Médio ou magistério; organização das salas improvisadas em barracas plásticas pretas e amarelas; garantir junto à Prefeitura Municipal de Formosa a contratação temporária de professores até a organização de um concurso público; adquirir material didático pedagógico para o funcionamento das turmas de crianças, jovens e adultos.

Os trabalhadores procuraram a escola mais próxima do acampamento localizada na Fazenda Água Doce, que ficava a poucos metros da entrada da fazenda Vale da Esperança. Na entrada da fazenda onde se localizava a escola, uma professora da escola se recusou a fazer a matrícula das crianças por serem filhos de Sem Terra. A equipe de negociação procurou apoio junto ao INCRA para concretizar o acesso à escolarização das crianças, mas quando chegou à Secretaria de Educação do município a resposta foi à mesma. E a luta se intensificou cada vez mais: os trabalhadores buscaram apoio aos parlamentares da região e outras autoridades competentes.

Com muita luta e organização, as crianças tiveram as matrículas efetuadas no segundo semestre do ano letivo de 1996, sendo que aquelas com idades entre 07 e 14 anos se deslocavam do acampamento para escola para poder estudar. Na época, havia uma grande rejeição aos trabalhadores acampados na região, como também constantes ameaças de despejo. As famílias decidiram que seria mais prudente manter as crianças junto ao acampamento. Para evitar aflições futuras, decidiram então ir à prefeitura reivindicar os direitos básicos às crianças do acampamento. Os primeiros deles foram:

- Estudar em uma escola improvisada dentro do assentamento até que a situação se definisse junto aos poderes públicos (em alguns estados já havia Escolas Itinerantes);
- Assistência à saúde;

- Merenda escolar;
- Contratação de educadores para ministrar as aulas no acampamento;

Em outubro do mesmo ano, a prefeitura abriu uma turma multisseriada para atender as crianças. Só que as aulas funcionaram numa fazenda vizinha que se encontrava a 7 km do acampamento e as crianças faziam esse percurso a pé, o que dificultava muito o ensino e aprendizagem.

Após muitas reuniões com as autoridades competentes do município, foi somente conseguida a transferência das salas no segundo semestre de 1997. As turmas de 1ª a 4ª séries ficaram no centro do acampamento em uma antiga casa, após uma pintura a qual tinha duas salas e uma cozinha aos fundos.

Em 1996, havia turmas de Educação de Jovens e Adultos no acampamento em convênio com a coordenação pelo setor de Educação do MST. Devido às dificuldades naquele período, também funcionaram provisoriamente salas anexas durante alguns anos na sede da fazenda a 8 km do primeiro acampamento e distante da Escola Municipal Água Doce.

No dia 02 de abril de 1997, os acampados resolveram continuar as negociações da pauta anterior de educação junto à Prefeitura de Formosa para que fossem construídas salas de aula dentro do acampamento e no futuro assentamento. Foram longos dias e noites de debates e decisões sobre o assunto.

Em agosto do mesmo ano, depois de muita pressão junto ao poder público, os alunos passaram a frequentar aulas dentro do próprio acampamento. Mas ainda necessitaria avançar cada vez mais. Tendo em vista que haviam muitos jovens e crianças estudando de 5ª a 8ª séries (atuais 6º ao 9º) do Ensino Fundamental e morando na cidade nas casas de familiares para estudar, a comunidade e principalmente os pais cujos filhos estavam na cidade, decidiram que, para o desenvolvimento da comunidade e principalmente a permanência das famílias no campo, a educação seria fundamental.

Iniciou-se então uma longa e penosa jornada de reuniões, audiências, mobilizações em órgãos públicos, onde os Sem Terra sempre foram taxados de baderneiros para a implantação das séries subsequentes à quarta e depois o ginásio (Ensino Fundamental). A luta pela conquista da escolarização na

comunidade Vale da Esperança, mostrou que a luta pelos direitos fundamentais deve ser constante na vida dos trabalhadores.

Segundo o relatório escrito por funcionários do INCRA/SR28/DEF, os senhores Pequizeiro, Jatobá e Copaíba em resposta à solicitação do ofício nº 28 de 14/01/00, deslocaram-se até o assentamento com o propósito de participar de uma reunião com a comunidade assentada com a presença da senhora Argentina Martins da Secretaria Municipal de Educação de Formosa – GO, da senhora Guariroba da Subsecretaria de Educação do Estado de Goiás, da vereadora Cagaita, representantes do STR o Sr. Araticum e Sr. Lobeira e representantes do MST Coco Macaúba e Coco Babaçue comunidade assentada para reivindicar as melhorias na área de educação e escolarização da pré-escola a séries finais do Ensino Fundamental.

No início do ano de 1999, conquistou-se o segundo ciclo do Ensino Fundamental ligado a uma escola distante do assentamento, localizada a mais de 100 km. Inicialmente foi construído um galpão de tábuas improvisado para funcionar as salas anexas do Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa. A construção dessa escola contou com os recursos dos assentados em forma de doações como: madeira, dinheiro para comprar as telhas, cimento, areia e mão-de-obra.

Foi organizado um grande mutirão para a construção das salas improvisadas em março de 1999, para funcionar como salas anexas e atender ao público de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, pois o primeiro ciclo do Ensino Fundamental já estava sendo atendido pela Prefeitura Municipal de Formosa.

Em meados de setembro de 1999, pais e educandos tiveram que se mobilizar para buscar algumas estruturas para o recente assentamento, entre elas, estavam a construção da Escola Municipal 15 de Julho. Porém, para alcançar essa conquista, tiveram que acampar em frente à Prefeitura Municipal de Formosa, onde os educadores ministraram as aulas em baixo de uma árvore na Praça Rui Barbosa em frente ao prédio da Prefeitura.

No dia 22 de julho de 2000, foi inaugurado o prédio da Escola Municipal 15 de Julho. O nome 15 de Julho foi escolhido em uma assembleia devido ao marco histórico que foi a ocupação da fazenda durante a madrugada do dia 15

de Julho de 1996 homenageando esse momento que mudou a vida de todos aqueles trabalhadores. As famílias coletivamente organizaram uma grande festa. Dentre os presentes estavam o Prefeito Cajuzinho, a primeira dama Guariroba, o senhor Pau Terra Superintendente do INCRA da SR28, o representante dos servidores do INCRA Ipê, vereadores da Câmara Legislativa do Município e representantes do MST – DF.

Em 2002 a comunidade conquistou o direito de continuar estudando e concluir o Ensino Médio através das salas anexas ao Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa. Em 2004 a Subsecretaria de Educação Estadual de Goiás de Formosa cria o Colégio Estadual Vale da Esperança CEVE, que funciona até os dias atuais no prédio da 15 de julho atendendo as reivindicações dos trabalhadores assentados. As educadoras contratadas pelo poder público moravam no assentamento. Segundo depoimento de pais e educandos, a educação era de boa qualidade, pois os educadores eram comprometidos com melhorias para a vida dos educandos e para o ensino público. A proposta de educação era um ensino voltado para a realidade do educando, inspirada pelo grande educador Paulo Freire.

A metodologia de ensino utilizada pelas educadoras fez com que a vida dos estudantes melhorasse de forma significativa, o que acabou provocando perseguições sobre o seu fazer pedagógico. Em setembro de 2004, a subsecretaria enviou à escola uma professora efetiva para assumir as aulas de história de uma das professoras com o intuito de conhecer a comunidade e assim colocar em prática as “propostas metodológicas” da subsecretária. Isso ocasionou insatisfação do quadro de professores que realmente estavam trabalhando em função dos educandos e não em função de salário. Eles acabaram deixando o cargo como era de se esperar pela subsecretaria, causando revolta dos educandos. Em 2005, a professora Fruta de Cera assumiu a direção do colégio diminuindo cada vez mais as práticas de educação do campo, transformando a escola em uma escola rural.

Sua gestão durou de 2004 a 2012 quando uma ex-professora que estava na coordenação da escola, Mangaba, a convite da Subsecretária de educação Saputá assumiu a direção da escola resgatando os princípios da educação do campo na prática docente. Houve muita resistência de algumas

pessoas que estavam acostumadas com a outra gestão para que aquela permanecesse.

Em 2008, alunos que terminaram o Ensino Médio no CEVE prestaram vestibular para o curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília. Após o ingresso dos primeiros 6 estudantes à universidade, outros seguiram o exemplo e hoje a comunidade conta com 13 estudantes que cursaram e cursam Licenciatura em Educação do Campo. Outros alunos estão cursando outros cursos nas universidades públicas ou Faculdades particulares e institutos públicos como Instituto Federal de Brasília-IFB e Instituto Federal de Goiás-IFG.

1.2.3. Um pouco da biografia da pesquisadora

Meu nome é Ionara de Paiva Pereira, sou filha de Ednélia Onofre de Paiva, pedagoga e Célio Pereira, açougueiro, infelizmente já falecido. Nasci no dia 19/06/1991 em Barreiras região Oeste da Bahia. Meu nome foi escolhido a princípio por minha mãe, pois, ela acreditava ser de origem indígena, mas depois ao pesquisar o significado do nome, descobri ser de origem hebraica, e significa pomba (uma mensageira). Aos dois anos de idade sofri uma convulsão que quase me levou a morte. Eu era filha única até os seis anos de idade quando nasceu meus dois irmãos os gêmeos Igor e Ilka em 1997. Morei em Riachão das Neves – Ba desde o meu nascimento até dezembro de 2003. Essa cidade faz parte da minha vida, influenciou muito a minha cultura e tenho um carinho muito especial.

No dia 1º de janeiro de 2004, mudei com minha mãe e meus irmãos para o Assentamento Vale da Esperança, veio para a casa da minha tia Santana que mora no assentamento desde o ano de 1996. Foi minha tia Santana que me apresentou o MST e os outros movimentos sociais, me fez refletir sobre a luta pela terra, educação e direitos básicos.

No Colégio Estadual Vale da Esperança concluí meus estudos, cursei a 8ª série do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Atualmente sou professora de Língua Portuguesa na escola em que estudei, e isso é motivo de orgulho pessoal e para minha família.

Em setembro de 2010 aos 19 anos, tive a minha filha Maria Victoria, minha razão de viver e continuar lutando contra o sistema opressor e discriminatório.

Em 2008, fiquei sabendo pela minha tia Santana do curso Licenciatura em Educação do Campo na UNB, mas não prestei o vestibular para ingressar na turma Andréia Pereira. No ano de 2009, prestei o vestibular, porém não consegui aprovação. Eu não desisti! Foram três tentativas, e na terceira no ano de 2013 consegui aprovação.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo transformou a minha vida pessoal e profissional. Com a vivência em coletivo, a descoberta de novos conhecimentos, o ingresso em programas de pesquisa científica pela universidade, contribuíram para a efetividade de inúmeros projetos pessoais e profissionais. A LEDOC tem um papel fundamental na formação da sociedade e na educação no nosso país. Esse curso tem o meu respeito e admiração.

1.2.4. A Educação do Campo

A *Educação Básica do Campo* foi nome dado inicialmente para a atual **Educação do Campo**. Esse nome foi usado durante a preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do campo, em julho de 1998 em Luziânia Goiás. A partir das discussões e decisões da conferência, a luta por uma educação que aborde e valorize as especificidades, identidade, culturas e realidade dos povos do campo, foi batizada de Educação do Campo. CALDART (2013) diz que:

A Educação do Campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação do campo desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivos e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (p.257).

A educação do campo surge dentro dos movimentos sociais que, além de lutar pelo seu direito de posse e permanência na terra, entenderam que

também precisariam de uma educação que estivesse ligada à realidade e cotidiano do campo, e que deveria ser uma educação de qualidade como garante a Constituição Federal. Para que a Educação do Campo fosse concretizada e o seu funcionamento respeitasse as demandas dos camponeses, houve muitas lutas com apoio dos movimentos sociais, principalmente o MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, que atuou diretamente no processo de discussão da Educação do Campo.

O conceito “Educação do Campo” é amplo, pois, abrange diversos grupos de camponeses e trabalhadores do campo que buscam garantir o sustento de suas famílias e fazem parte do histórico de lutas no campo. Para reafirmar essa ideia CALDART(2013) em seu texto dialoga com KOLLING, NERY e MOLINA, (1999) acerca da essência da Educação do Campo ao citar que:

[...] mas quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. (p.258).

Outras conquistas importantes na luta por uma educação campo para os camponeses foram o PRONERA Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária e a LEDOC Licenciatura em Educação do Campo, com a experiência inicial na Universidade de Brasília – UnB e hoje está presente nas principais universidades públicas do país. O PRONERA trata da ampliação e qualificação das ofertas da educação básica e superior para os povos do campo nas áreas de Reforma Agrária; já a LEDOC é um curso superior por área de conhecimento para os anos finais do Ensino Fundamental e Médio, que busca a formação dos educadores das escolas do campo e atende as demandas específicas de cada escola do campo. A LEDOC será tratada mais detalhadamente no tópico 1.1.4.

1.1.4. A licenciatura em Educação do Campo.

A Licenciatura em Educação do Campo LEDOC é um curso de graduação novo nas universidades públicas no país. Este curso busca a formação pedagógica e habilitação por área de conhecimento como Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas e Sociais

para os profissionais da educação das escolas do campo. A organização do curso se dá em regime de alternância. O Tempo Universidade (T.U) ou Tempo Escola (T.E) é quando os estudantes realizam aulas presenciais nas universidades que equivale a um semestre dos demais cursos regulares. O Tempo Comunidade (T.C) é quando se realizam atividades curriculares em suas comunidades de origem e nas escolas em que atuam como educadores. A respeito da alternância MOLINA e SÁ, (2012) dizem:

A organização curricular desta graduação prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) ofertadas em regime de alternância entre tempo escola e tempo comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e realidade específica das populações do campo. (p.466).

A alternância na Licenciatura em Educação do Campo, viabiliza a permanência dos estudantes em suas comunidades de origem, e a permanência dos profissionais, que atuam nas escolas do campo. De acordo com MOLINA e SÁ (2013):

Esta metodologia de oferta intenciona também evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício. (p.466).

Este curso foi pensado pela classe trabalhadora camponesa com o objetivo de atender as especificidades das escolas do campo, objetivos estes que valorizassem a cultura, diversidade étnica, saberes populares que faça uma ligação dos conteúdos específicos com a realidade de cada comunidade, uma formação completa nos eixos da sociedade e não reduzida à escolarização, evite a evasão escolar e o êxodo para a cidade em busca de formação superior. Esta concepção do curso baseia-se em MOLINA e SÁ, (2013) quando dizem:

[...] é necessária vinculação da educação do campo com o mundo da vida dos sujeitos envolvidos nos processos formativos”, e ainda sobre “o processo de reprodução social destes sujeitos e de suas famílias – ou seja, suas condições de vida, trabalho e cultura não podem ser subsumidos numa visão de educação que se reduza a escolarização. (p.467)

A Licenciatura em Educação do Campo é uma conquista da luta por educação da classe trabalhadora camponesa, é a confirmação de que com

união, resistência e organização os nossos direitos serão garantidos e respeitados.

1.2. Instrumento de geração dos dados

Para que eu pudesse identificar o surgimento de uma possível variedade linguística na interação do contexto escolar, os instrumentos para geração de dados utilizados nesta pesquisa foram: observações do contexto de pesquisa e gravação de áudio em grupos focais para fazer a análise e transcrição da fala com as variações linguísticas usadas pelos estudantes e professores da escola.

As gravações de áudio me permitiram ser fiel na transcrição da fala dos pesquisados e identificar a sua variação linguística que influencia no surgimento de uma possível variedade na comunidade pesquisada. As gravações são um fator importante para analisar a fala dos pesquisados, identificando características na fala. A observação por meio da pesquisa de campo é relevante para perceber a presença de novas variedades linguísticas e sua frequência de uso, identificar características importantes para pesquisa como idade, escolaridade e regionalismo.

Estes instrumentos de coletas de dados foram planejados de acordo com o problema de pesquisa e aplicados com os estudantes e professores do Colégio Estadual Vale da Esperança.

1.3. Procedimentos para a geração dos dados

Para registrar os dados fundamentais desta pesquisa, foram realizadas gravações das falas em diferentes momentos de interação dos estudantes e professores com as famílias oriundas dos estados da Bahia, Distrito Federal,

Goiás, Minas Gerais, Piauí, Tocantins e Rio Grande do Sul. Esses registros contribuíram para a análise da variação linguística de cada pessoa e identificação o regionalismo presente na fala destes grupos com a faixa etária entre 13 e 17 48 anos.

A observação foi realizada com dois grupos, separados por idade e escolaridade no Colégio Estadual Vale da Esperança. O G1= 13 a 17 anos de idade são estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental; o G2= 23 a 48 anos são professores do CEVE. Essa observação contribuiu na pesquisa para medir a frequência com que uma possível variedade linguística é usada por esse público devido à facilidade de adaptação com o novo na comunidade.

O período de realização desta pesquisa foi de Janeiro de 2018 à Setembro de 2018. A pesquisadora observou de forma direta os pesquisados no Colégio Estadual Vale da Esperança, gravar e analisar os dados gerados durante a pesquisa.

Esses métodos utilizados para a geração de dados caracterizam a pesquisa e o pesquisador como qualitativos, que segundo CRESWELL (2010) define da seguinte maneira:

Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados. Depois os pesquisadores examinam todos os dados, extraem sentido deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados. (P. 208)

1.4. Análise dos dados.

A pesquisa realizada no Colégio Estadual Vale da Esperança, é uma pesquisa qualitativa que é caracterizada pela investigação e interpretação do que o pesquisador observa no campo e no local pesquisado.

É importante o contato face a face da pesquisadora com os pesquisados e o seu envolvimento direto com o contexto de pesquisa no local da pesquisa, para que possa entender os fatores que influenciaram o problema de pesquisa. De acordo com CRESWELL (2010),

Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. Eles não levam os indivíduos para um

laboratório (uma situação artificial) nem enviam instrumentos para os indivíduos preencherem. Esse fechamento das informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas e da observação de como elas se comportam e agem dentro de seu contexto é uma característica importante da pesquisa qualitativa. No ambiente natural, os pesquisadores têm interações face a face no decorrer do tempo.(p.208)

Por isso, que para a geração de dados, recorreremos a gravações de conversas espontâneas, com anuência dos participantes. Durante a análise dos dados gerados, foram escutados repetidas vezes os áudios gravados para a transcrição das falas gravadas dos estudantes e professores da escola, com intuito de fidelidade nos dados fornecidos pelas pessoas da pesquisa relacionando com as anotações de observações de campo.

CAPÍTULO II

BASES TEORICAS: A TERRA PARA A PESQUISA

*“A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável
riqueza de múltiplos valores.”*

O presente capítulo destaca como o estudo da Sociolinguística trata das variedades linguísticas e contextualiza o processo histórico do Brasil e a influência da classe dominante no padrão da língua falada. A língua varia de acordo com o ambiente ao qual está inserida, seja ele regional, profissional, familiar, relacionada à classe social do indivíduo, faixa etária e aspectos culturais. Isso explica a vasta variação linguística que identificamos quando nos encontramos em contextos diferentes e principalmente as variedades que são usadas nestes contextos. Durante o capítulo, dialogo com os autores à cerca da variedade linguística no contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança, compreendendo o processo que implica toda a questão da variedade de fala dos estudantes e professores do colégio.

À luz das teorias e pesquisas de BORTONI-RICARDO, CAVALIERE, CARDOSO e COBUCCI e principalmente fundamentada nas teorias apresentadas por BAGNO, é possível investigar o comportamento dos falantes em contextos diferentes, o monitoramento da fala em diferentes níveis de interação e formalidade.

1.1 . Mas o que é a Sociolinguística?

A Sociolinguística é o estudo que revela as relações da sociedade com as línguas humanas (linguagem). Ela explica como os fenômenos sociais influenciam no modo de falar das pessoas, levando em consideração os fatores sociais e culturais que contribuem na formação do ser humano e respectivamente na sua língua falada. A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1960 impulsionada pelo linguista americano William Labov considerado o “pai da Sociolinguística”. O estudo da Sociolinguística tem como objetivo, segundo BAGNO (2007):

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. (p.38).

A Sociolinguística, de certa forma, se opõe ao preconceito linguístico que em contextos diferentes de interação dos falantes, algumas formas são consideradas incultas, “errado”, “caipira”, gerando situações constrangedoras e humilhantes para quem fala, o chamado comportamento linguístico que é herança do contexto social em que o falante está inserido. Nesses contextos, são refletidos os fatores extralinguísticos que serão definidos no tópico 1.3.2. O preconceito linguístico, acarreta dificuldades para às pessoas se expressarem oralmente, e de se apresentarem em público. Essas questões são contextualizadas na sociedade brasileira e explicadas claramente por BORTONI – RICARDO (2005), quando enfatiza o seguinte:

O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. Em sociedades com histórica distribuição desigual de renda (entre as quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injustas de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades. (p.14).

Partindo do pressuposto sociolinguístico que a língua sofre influência da sociedade, o campo de investigação deste trabalho, reflete sobre os contextos em que as variedades linguísticas se manifestam na fala e interagem entre si, no caso deste tema de pesquisa, o contexto escolar. É na escola que as pessoas conhecem outras culturas e outras pessoas. É também na escola, uma das redes sociais mais frequentadas por essas pessoas durante uma boa

parte de suas vidas, que percebemos a riqueza da variação linguística, e infelizmente a existência de preconceitos linguísticos, devido à herança da colonização e regras sociais que impõem uma maneira “correta” de falar bem, uma maneira mais refinada, admirada e prestigiada. No contexto de desigualdade social e diferenças culturais não podemos ignorar a variação linguística no contexto escolar. BORTONI-RICARDO(2005), apresenta os paradigmas do papel fundamental da escola e como esta deve considerar essas variações:

A escola é norteadora para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística. Isto significa mais evidente em países plurilíngues, onde os falantes de línguas minoritárias têm de aprender e usar, em muitos domínios, a língua majoritária. [...] A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (p. 14/15).

As variações sociolinguísticas são classificadas segundo BAGNO (2007) em:

- Variação diatópica: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.
- Variação diastrática: é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.
- Variação diamésica: é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Variação diafásica: é a variação estilística ..., isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal.
- Variação diacrônica: é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. (p.46/47)

A Sociolinguística é o estudo que contribui para a realização e compreensão da análise de dados, que reflete na investigação de novas variedades linguísticas no contexto escolar pesquisado.

1.2. Um pouco sobre língua

A língua, é um dos meios de comunicação entre os seres humanos de acordo com a Linguística. Ela faz parte da identidade de um povo e, por meio dela, também podemos identificar os aspectos culturais de cada um deles. Para se formar uma língua é necessário um conjunto de pessoas que convivem em um determinado território. Como por exemplo as línguas indígenas dos habitantes das terras do Brasil antes da colonização: existiam povos, em aldeias que se relacionavam no mesmo espaço e as suas línguas maternas que eram o meio de comunicação entre esses povos. BORTONI-RICARDO (2005) diz que:

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas – que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical). (p.31).

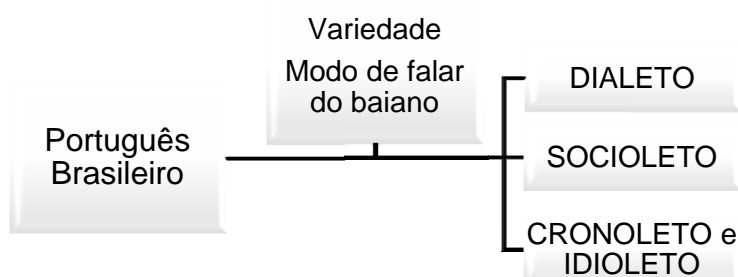
A língua portuguesabrasileira, podemos enfatizar de acordo com o processo de colonização dos índios, escravidão dos negros e do processo histórico, foi constituída a partir do falar rural e de trabalhadores (comerciantes, trabalhadores braçais, escravos, índios, construtores, militares etc.). Os tripulantes das embarcações que atracaram na Bahia em abril de 1500, com exceção de membros da elite lusitana e missionários, em sua grande maioria, eram marinheiros com pouca cultura erudita, ou nenhuma. A partir daí, as variedades do marinheiro, dos membros da elite lusitana e dos missionários e novos migrantes de Portugal para a colônia em contato com a língua materna dos índios e anos depois a língua dos negros, começa a dar forma à língua portuguesa do Brasil. A primeira dicotomia da língua brasileira segundo BORTONI-RICARDO (2005) foi:

[...] língua urbana *versus* falares regional – rurais, a que nos referimos como vernáculos rurais – decorre do próprio processo de colonização do país. A língua trazida para o Brasil para os portugueses conservou-se, nos grandes centros de colonização no litoral, onde havia constante intercâmbio comercial e cultural com a metrópole, bem semelhante à modalidade lusitana, distinguindo-se dela, porém alguns traços. (p.31).

O processo de colonização está diretamente ligado ao processo de modificação da língua, sua evolução e ao surgimento de novas variantes. Com isso, podemos compreender a existência de modos de falar distintos.

1.3. O que é Variedade linguística?

Um outro fator determinante na língua que envolve a variação linguística, é a **variedade linguística**, que seria o resultado do processo de variação linguística. É uma das muitas maneiras de falar a língua de um povo com características próprias que diferenciam umas das outras. No Brasil falamos o português brasileiro constituído por fatores extralinguísticos, e dentro do português brasileiro temos o modo próprio de fala do mineiro, do baiano, do goiano, do pernambucano, do paulistano, do carioca... uma infinidade de variedades na língua que é resultado da variação linguística. [Vejam](#) o exemplo criado a partir das definições de BAGNO (2007) p. 48:



- DIALETO: designa o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc.
- SOCIOLETO: designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão etc.)
- CRONOLETO: designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.
- IDIOLETO: designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.

A Sociolinguística nos apresenta a teoria de que a variedade linguística tem as suas características, as quais irão diferenciar uma variedade da outra. Para ressaltar essa teoria, BAGNO (2007) diz que:

[...] a sociolinguística afirma que **toda língua é um feixe de variedades**. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-las das outras variedades. [...] outro postulado fundamental da Sociolinguística é esse aqui: **toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional**, oferece recursos necessários para que seus falantes interagem socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. (p.48/49).

As variedades linguísticas não são algo inventado ou desconexo da língua, têm lógica funcional, obedecem à gramática e podem ser explicadas.

1.4. Variações linguísticas: os tipos de variações, e seus níveis

“Tá vendo cumpadi, como o zé é canguinha?... Oia pro cê vê, o zé é muito murrinha... Mais o zé é morto de fome credo...”

Os exemplos acima são variadas maneiras que os falantes da língua portuguesa de diferentes regiões do Brasil se referem a uma pessoa muito segura, ou seja, que não gosta de gastar. Esses exemplos fazem parte da chamada **variação linguística** conceito definido para explicar as mutações na língua que variam na pronúncia das palavras, na interação social, no léxico, semântica entre outras como veremos neste tópico. Ela busca explicar os fatores que interferem na mudança da língua e no surgimento de um novo dialeto, e o respeito que deve existir entre os falantes, já que segundo a Sociolinguística “não existe uma única forma de falar”, mas sim formas socialmente aceitas pelos grupos de falantes que fazem uso dessas formas, e busca de certa forma, extinguir os preconceitos linguísticos.

1.4.1. Variação linguística, o que é?

Para simplificarmos o conceito de variação linguística, vejamos o que BAGNO (2007) traz sobre a concepção dos sociolinguístas sobre a língua:

[...]a língua, na concepção dos sociolinguístas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.(p.36).

Partindo da ideia que a língua está sempre em desconstrução e reconstrução, não podemos afirmar que exista um modelo único de língua, cada comunidade tem a sua particularidade, dialetos, sotaques, linguagem técnica e aspectos regionais que a influenciam.

O fenômeno da variação linguística está relacionado a todas as mudanças no estado natural da língua, pois a sociedade em si é constituída de grupos de pessoas com classes sociais diferentes, culturas, idades, níveis de escolaridade, contextos sociais, histórico sociocultural, profissões diferentes, sexo ou origem geográfica: os chamados “**fatores extralinguísticos**” responsáveis por auxiliar na investigação do fenômeno da variação linguística, enfim, somos uma sociedade heterogênea.

Sendo assim, podemos afirmar que se na sociedade existem grupos distintos com múltiplos fatores determinantes na sua construção, seria precipitado afirmar que exista uma língua universal e invariável. Entretanto, existe a concepção de língua homogênea, ou seja, uma língua que não sofre mutações, uma língua regrada, sólida, controlada, um modelo pronto e acabado que deve ser seguido. Essa concepção de língua exemplar estruturada na gramática normativa vai contra a concepção de língua heterogênea. BAGNO (2007) simplifica o conceito de língua homogênea quando fala que:

As pessoas que vivem sociedades com uma longa **tradição escrita**, com uma **história literária** de muitos séculos e um **sistema educacional** organizado se acostumaram a ter uma ideia de *língua* muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só merece o nome de *língua* um conjunto particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que forma cuidadosamente selecionadas para compor a *norma - padrão*, isto é, o modelo de língua “certa”, de “bem falar” que, nessas sociedades, constitui uma espécie de *tesouro nacional*, de *patrimônio cultural* que, assim como as florestas, os rios, a flora, a fauna e os monumentos arquitetônicos, precisaria ser preservado da ruína e da extinção... (p. 35).

Esse modelo existente que padroniza a língua, de certa forma não inclui o fenômeno da variação linguística, pois não é levado em consideração os fatores extralinguísticos que influenciam nas transformações da língua. Porém, não queremos aqui rotular certo ou errado no processo de estruturação e transformação da língua.

A sociolinguística faz uso do conceito “**Heterogeneidade ordenada**” que segundo BAGNO 2007:

[...] tem a ver, então, com essa característica fascinante da língua: o fato dela ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com coerência funcional. É mais fascinante ainda: um sistema que nunca está pronto, que o tempo todo se renova, se recompõe, se reestrutura, sem todavia nunca deixar de proporcionar aos falantes todos os elementos necessários para sua plena interação social e cultural.(p. 43).

Para a sociolinguística, a variação não é algo desorganizado, gratuito, sem fundamentos, sem lógica-um caos na língua -, mas sim uma língua estruturada, que obedece regras linguísticas organizadas dentro de processos construídos socialmente, culturalmente com fatores que influenciam nessa construção.

1.4.2. Os tipos de variação, quais são?

A variação linguística envolve fatores de ordem social e escolaridade que contribuem para que ela ocorra na língua, ou seja, fatores extralinguísticos. Segundo BAGNO 2007:

Para fazer um trabalho de investigação minucioso sobre a variação linguística, os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação de fenômenos de variação linguística.(p.43).

Alguns dos fatores que influenciam a variação linguística, são os de **origem geográfica**: em que a língua varia de um lugar para o outro; assim podemos identificar os locais de origem dos falantes; **status socioeconômico**: está relacionado ao nível de renda das pessoas, pois observou-se que pessoas com renda mais alta não falam da mesma maneira que pessoas com renda mais baixa; **grau de escolaridade**: o acesso à educação, à cultura letrada influenciam diretamente na fala e na escrita do sujeito, esse fator é de suma importância na configuração linguística de diferentes pessoas; **idade**: esse fator é o responsável por identificar que os adolescentes não falam do mesmo modo que os adultos, e adultos não usam a mesma linguagem dos adolescentes; **sexo**: homens e mulheres fazem uso dos recursos que a língua oferece de maneira distinta; **mercado de trabalho**: o vínculo do sujeito com determinadas profissões, influenciam na sua atividade linguística, como por exemplo um médico não usa os mesmos recursos linguísticos de um pedreiro; **redes sociais**: as pessoas que frequentam redes sociais (igrejas, grupos de mulheres artesãs) adotam normalmente comportamentos semelhantes aos dos frequentadores dessas redes, e esse convívio influencia também no comportamento linguístico. Esses fatores sociais contribuem diretamente na configuração linguística dos falantes. Porém, para BAGNO 2007:

[...] o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao status socioeconômico: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada. Estudos sociológicos apontam que existe uma relação muito estreita entre escolaridade e ascensão social: os melhores empregos e os postos de comando da sociedade estão reservados predominantemente aos cidadãos mais escolarizados. (p.44).

A partir deste detalhamento de alguns fatores que influenciam a língua, vejamos os tipos de variações linguísticas existentes no português brasileiro.

1.4.3. A variação nos níveis da língua

Começemos pela conjugação do verbo variar...

Eu vario

Tu varies

Ele varia

Nós variamos

Vós varieis

Eles variam

Quando falamos em variedade ou variação, entendemos que existe inúmeras formas de fazer algo e cada pessoa faz a sua maneira, por exemplo fazer um bolo de mandioca, os ingredientes na maioria das vezes são os mesmos, porém cada sujeito tem sua particularidade ao fazer, uns seguem a receita, outros aprenderam com alguém que fazia parte do seu contexto, com avó, mãe, tia, vizinha... e no final teríamos um bolo de mandioca, ou mané pelado, ou bolo de aipim. Assim também é a nossa língua, somos uma população diversificada na fala, falamos diferente, acredito que seja devido a culturas e regiões diferentes.

A variação linguística está presente em todos os níveis da língua:

- ✓ **Varição fonético-fonológica:** é a responsável pelas diferentes pronúncias de fonemas do português brasileiro, por exemplo <R>da palavra “porteira”, em alguns estados do Brasil o <R> têm uma pronúncia diferente, uns mais vibrantes, outros mais secos e outros mais articulados.

- ✓ **Varição morfológica:** explica as formas distintas das palavras de mesmo radical mas com sufixos diferentes como **agoniade**

agoniento que expressam o mesmo significado, alguém inquieto.

Como nas frases:

“Fica quieto, agoniento!” e “hoje eu tô agoniado!”

- ✓ **Varição sintática:** essa variação ocorre na organização das palavras dentro de uma frase:

A novela “Casa de Farinha” tem um final desconhecido/ Ninguém sabe o final da novela “Casa de Farinha”/ Ainda não se sabe o final da novela “Casa de Farinha”.

O sentido é o mesmo, mas as palavras estão organizadas de maneira diferente.

- ✓ **Varição semântica:** é quando as palavras, dependendo da origem de quem fala, expressam significados diferentes, por exemplo **“vamos fazer uma resenha”** pode significar o ato de escrever um texto para um jornal ou revista que faz crítica a uma peça de teatro, filme, musical entre outros ou pode significar que um grupo se reuniu para fazer uma festa muito animada na casa de alguém. Veja os exemplos a seguir:

“Façam uma resenha sobre o filme “O veneno está na mesa.” e “Bora fazer uma resenha lá em casa?”

- ✓ **Varição lexical:** é quando as palavras são diferentes mas têm o mesmo sentido, **beijar e beijar** ambas se referem ao ato de beijar. Vejamos outro exemplo a seguir extraído da gravação de falas espontâneas do Grupo de Professores:

“Vinhático – “Armaria” mais essa Unha Danta só pensa em comer nãm”.

“Ave Maria mais essa Unha-Danta só pensa em comer nãm.”

- ✓ **Varição estilístico-pragmático:** ela corresponde às diversas situações de interação social. Por exemplo em casa uma pessoa fala mais informalmente devido “a intimidade” que tem com os familiares. Imaginemos essa pessoa perguntando para o irmão que horas são e perguntando a um desconhecido a mesma coisa:

“Hein, Igor quantas hora?”

“Olá, o senhor(a) poderia me informar que horas são?”

Ou por exemplo quando um jovem cumprimenta os “irmão” em uma igreja evangélica:

“A paz do Senhor irmãos!”

O mesmo jovem cumprimentando pessoas mais íntimas em um encontro casual:

“E aê? Só de boa?”

Varição estilística, está relacionada ao monitoramento da fala e da escrita. Variamos o nosso modo de falar a partir da situação de interação que nos encontramos, ou seja, dependerá no ambiente em que estamos, com quem estamos falando, isso leva a uma percepção de fala mais monitorada ou menos monitorada. Esse monitoramento é válido para a escrita, não escrevemos uma redação de vestibular da mesma forma como escrevemos um bilhete para alguém em nossa casa.

1.5. Processos fonológicos existentes na fala.

Outro fator identificado na fala humana são os processos fonológicos que dizem respeito às mudanças na fala. Essas mudanças ocorrem nos chamados processos fonológicos, alterações fonológicas ou metaplasmos, que caracterizam os tipos de mudanças na fala do sujeito. De acordo com CAVALIERE (2005):

Quando se fala em mudança linguística, surge de imediato a ideia de mudança lexical, isto é, a constante modificação que sofre a língua no âmbito do léxico, de tal sorte que alguns termos antigos cedem lugar para novos termos, ou mesmo sofrem alteração de significado. Em segunda instância, vem-nos à mente o conceito de mudança fonológica, qual seja a que se manifesta no sistema de sons de uma dada língua: troca de posição entre fonemas numa palavra, mudança articulatória de um fonema em dado ambiente fonológico, desaparecimento de fonemas etc.(p.55).

Os processos fonológicos na fala,de acordo com CAVALIERE (2005) são divididos em quatro processos: por adição; por transposição; por supressão e por transformação.

Os processos por adição ocorrem quando um fonema é adicionado no início da palavra fenômeno chamado **Prótese**.Exemplo: *levantar por alevantar*. Quando o fonema é adicionado no interior da palavra, o fenômeno é chamado **Epêntese**,exemplo: *pneu por pineu*. Quando o fonema é adicionado no final da palavra, o fenômeno é chamado **Paragoge**, exemplo: *club por clube*, modificando o som das palavras, porém não excluindo o seu significado.

Os processos por transposição ocorrem quando é realizada a troca de fonemas em uma palavra, seja a ênfase ou recuo no acento de intensidade o fenômeno **Hiperbibasmo**,exemplo: *biótipo por biotipo*; troca de posição do fonema na palavra ocorre a **Metátese**, exemplo: *estupro por estrupo*. A Metátese ocorre segundo CAVALIERE, (2005) em situações mais complexas:

Em situações mais complexas, a uma metátese se segue ação assimilatória, de que resulta uma deturpação mais radical do vocábulo original. Este o caso da forma “atazanar”, já registrada em alguns léxicos contemporâneos (cf. HOUAISS, 2001), corruptela de *atenazar* (apertar com *tenaz*), em que além da metátese recíproca entre /z/ e /n/, ocorreu assimilação do *lei* pelo /a/ tônico. (p. 59).

Novamente percebemos que ouve mudança na pronuncia da palavra, mas não em seu significado.

O processo por supressão dar-se-á quando um fonema é retirado da palavra implicando em uma nova como os fenômenos **Aférese**, que é a retirada de um ou mais fonemas iniciais, exemplo: *amor por mô*. Já a **Síncope** ocorre quando um fonema é retirado do interior da palavra por exemplo: *para por pra* e o fenômeno de **Apócope** é resultado da ocultação do fonema final da palavra, por exemplo: *senhor por senhô*.

Os processos por transformação são mais complexos pois variam de assimilação à diferenciação, dentro desses dois processos existem ainda níveis de transformação na fala. Para CAVALIERE 2005, a assimilação de fonemas é:

[...] sem dúvida, o mais frequente dos processos fonológicos, é o responsável por vários fenômenos já aqui estudados, como a harmonização e o debordamento vocálicos. Consiste na ação assimilatória de um fonema sobre o outro, de que resulta uma modificação desse último a ponto de dele aproximar-se (assimilação parcial) ou a ele igualar-se (assimilação total). Em "pidido" por *pedido*, por exemplo, a harmonização da vogal pretônica com a alta tônica resulta de um caso de assimilação total regressiva, visto que a vogal modificada iguala-se à modificadora e está em posição anterior a essa. Já em *surrupiar*, forma variante de *surripiar*, a assimilação é total progressiva, dado que o fonema modificado é posterior ao modificador. (p. 59).

Já quanto ao processo de diferenciação CAVALIERE, (2005), o define da seguinte forma:

[...] alguns especialistas aludem ao processo de diferenciação como a ruptura da continuidade de uma posição articulatória, seja segmentando um som único, seja intensificando a diferença entre sons semelhantes e contíguos. Ao primeiro caso, dá-se o nome de **diferenciação criada**, pois ocorre entre fases sucessivas de um só fonema; ao segundo caso, dá-se o nome de **diferenciação aprofundada**, visto que apenas reforça diferenças já existentes (cf. GILI GAYA, 1971:188). (p. 60)

Os níveis do processo de transformação caracterizam as transformações nas palavras por vogais de grupos similares, nasalização e desnasalização das palavras, isso vai depender de falante para falante. Essas mudanças ocorrem de acordo com a origem do falante, contexto social, nível de escolaridade e idade.

CAPITULO III

ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisamos os dados gerados por meio de observações e gravações de conversas espontâneas no Colégio Estadual Vale da Esperança. O CEVE é um local visto por nós moradores como um espaço de socialização entre os assentados, onde adolescentes e adultos interagem linguisticamente todos os dias. A diversidade linguística é muito importante para o foco central desta pesquisa. Os espaços onde se deu a geração de dados foram em reuniões semanais do grupo de professores e demais funcionários do Colégio Estadual Vale da Esperança e durante aulas onde os estudantes conversavam entre si enquanto o professor lecionava. Para especificar as falas de cada grupo, usamos as siglas **GP** para Grupo de Professores da escola e **GE** para o Grupo de Estudantes da escola. Ao gravar as falas dos grupos no contexto da escola, pode-se identificar a língua predominante usada pelos professores e estudantes do colégio, caracterizando

os objetivos específicos desse trabalho, assim também como diversas variações linguísticas e suas respectivas influências.

3.1 Análise da fala do Grupo de Professores GP

Analizamos inicialmente a fala dos professores do Colégio Estadual Vale da Esperança para identificarmos possíveis variedades linguísticas usadas por eles no contexto escolar. Nesta análise, percebemos que estão presentes na fala deste grupo, variações morfológicas e sintáticas que levam aos fenômenos de hipercorreção, identificamos traços do regionalismo das pessoas e a concordância de número na fala deste grupo. Sobre concordância, Cardoso e Cobucci (2010), citam TRASK, (2004, p.61) para defini-la:

[...] a concordância tem sido entendida como um “fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença é determinada pela forma de outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical. A concordância é um dos fenômenos mais comuns, nas línguas em geral, mas não tem a mesma extensão em todas elas. (p.74)

O grupo de professores GP é de origem de diferentes estados brasileiros como Bahia, Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Os componentes desse grupo têm idades entre 23 a 48 anos com graus de escolaridades diferentes, sendo num total de 13 professores, 10 deles com nível superior completo, 1 com nível médio completo, 2 com nível superior incompleto.

Durante uma conversa descontraída entre integrantes do GP, ou seja, menos monitorada (BORTONI – RICARDO, 2005, P.41): “A *monitoração* é, *essencialmente, um processo que demanda maior atenção e planejamento.*”, após a reunião semanal, foram registradas as falas durante a conversa. Esse momento é de descanso e interação entre os professores da escola, as duplas pré-selecionadas entre os membros do CEVE levam um lanche para confraternizarem entre si. As falas contribuíram para a análise e investigação de uma nova variedade linguística.

Optamos por nomes fictícios de árvores típicas do cerrado brasileiro para identificarmos os professores do CEVE como mostra a tabela a seguir.

Professoras do CEVE	Professores CEVE
Jacarandá	Baru
Manacá	Ingá
Caraíba	Vinhático
Tatarena	Pequizeiro
Quina	
Sucupira Branca	
Unha Danta	
Araçá	
Laranjeira do campo	

O trecho a seguir é a transcrição da conversa em uma reunião semanal e em seguida três professores do GP combinam um passeio para uma barragem próxima da comunidade denominada por todos de “cachoeira”.

[...] Araçá – Os responsáveis pela Feira de Ciências, viu Ingá, organizar um projeto pra apresentar “prus” professores na próxima reunião.

Ingá – ok, pode deixar.

Manacá – eu até agora num sei o que vô “fazê” com a minha turma. É fora da minha área. Barú vai me ajudar né Barú? (risos)

Sucupira Branca – eu vô fazê de acordo com o conteúdo do bimestre passado, Misturas homogêneas e heterogêneas, né Ingá?

Ingá – isso “mermo” baiana, arrocha. Lembrando que é uma amostra, pode conter experiências ...

Araçá – pra ficar mais fácil, para os professores que não são da área de exatas, Vinhático ajuda os professores orientadores da extensão e Ingá os daqui do vale. Pode ser meninos?

Ingá – claro, eu vou arrochar esse povo. (risos)

(conversas paralelas)

Unha Danta – Gente vamos lanchar porque eu “tô” com fome, e ainda vou pra extensão.

Sucupira Branca – é mesmo, vamos comer e voar pra extensão, já “tô” atrasada.

Vinhático – “Armaria” mais essa Unha Danta só pensa em comer nãm.

Unha Danta – Claro, você fala coisa por que vai ficar aqui.

[...]

Manacá – gente “bora” pra “cachuêra” nu dumingo?

Ingá – “oxi”, *toda hora!!*”

Vinhático – eu vou. Meu nome é pronto...”

Araçá – Vocês só tem barulho, marca, marca e na hora não vai ninguém.

A expressão “**armaria e nãm**” são variantes regionais da expressão **Ave Maria** que se encaixa em interjeição de indignação, insatisfação, surpresa vai depender do contexto em que a expressão é usada. A palavra **nãm** é uma variante do advérbio de negação “**não**”, porém identificamos que **nãm** na linguagem popular se caracteriza como interjeição que expressa indignação e insatisfação.

A expressão “**pra**” vem da palavra “**para**” que sofre uma síncope que é a ocorrência da supressão de uma fonema no interior de uma palavra. No caso da palavra “**para**”, o fonema /a/ foi apagadodando lugar a **pra**. Percebe-se que nós falantes não notamos essa mudança fonológica. Por se tratar de um vício de linguagem, usamos e não percebemos a ocorrência de síncope. Essa palavra é utilizada por todos os níveis de falantes, seja em falas mais monitoradas e menos monitoradas.

Nas palavras “**dumingu e nu**”, ocorreu um processo assimilatório das vogais /u] e /o/ devido ao som semelhante que ambas produzem quando pronunciadas. Essas mudanças na pronúncia ocorrem de acordo com o contexto em que estão empregadas, o uso dessa palavra caracteriza um tipo de variação estilístico-pragmático que corresponde às diversas situações de interação social.

A palavra “**oxi**” transcrita da fala de um dos componentes do grupo é uma expressão utilizada em diferentes contextos do dia a dia, para questionamento, indignação ou junto com outra palavra com a ideia de confirmação. Pode-se dizer que “**oxi**” é uma palavra usada por esse grupo durante os momentos de descontração, independente do grau de escolaridade e idade dos falantes.

A origem do “**oxi**” com acréscimo do som de “i” na pronúncia vem de “**oxe**” que é a abreviação de “**oxente**”, palavra muito utilizada no falar do Baiano. Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa e admiração.

Para identificarmos o sentido de “**oxi**” e a função que ele desempenha na frase, foi preciso analisar o contexto no qual ele foi usado. Retomemos o contexto onde “**oxi**” foi aplicado.

P.1 - *“gente “bora” na cachuêra nu dumingo?”*

P.2. – *“oxii toda hora”.*

O “**oxi**” exerce a função de interjeição de aprovação levando em consideração que ele é aplicado na frase após o convite de ir para a cachoeira.

O **oxi**, **oxe** ou **oxente** de origem nordestina utilizados na fala dos moradores do Assentamento Vale da Esperança que interagem no Colégio Estadual Vale da Esperança, caracteriza o processo da interação linguística de povos de localidades diferentes em um mesmo território. Por se tratar de uma comunidade criada a partir do processo de reforma agrária, a bagagem cultural e linguística dos moradores contribuem para a consolidação do processo **sociolinguístico**.

Toda hora significa “estar sempre pronto para realizar alguma coisa”, seja passeio, fazer um favor, fazer uma festa, dançar... A origem dessa expressão deu-se com a chegada de pessoas vindos da zona urbana para o campo, mas é difícil identificar com exatidão a origem dessa expressão. O público jovem, principalmente os adolescentes, têm a facilidade de se adaptar com mais rapidez e facilidade às mudanças no ambiente em que vivem, principalmente fazer o uso de palavras novas, pois a todo momento estão interagindo entre si, em diferentes espaços além do espaço escolar.

Outra análise morfológica feita foi o uso da palavra “*prus*”, essa palavra é resultado da junção de duas outras palavras “para e os”. Em “*para*” ocorreu uma síncope que é a supressão de fonemas no interior da palavra no caso, retirou-se os dois fonemas iguais **/a/** resultando em “*pr*”. Em “*os*” correu o fenômeno de transformação por assimilação do fonema **/o/** pelo **/u/** surgindo “*us*”.

A palavra “*cachuêra*”, de “cachoeira” é o resultado de três níveis de variação: **variação estilística** que está relacionada ao monitoramento da fala, o sujeito fala de forma **mais monitorada e menos monitorada** (BORTONI – RICARDO, 2004, P. 62), dependendo do contexto onde está inserido. No caso dessa variante “*cachuêra*” ela foi empregada num contexto de descontração, menos formal; **origem geográfica**. Segundo BAGNO (2007):

[...] a língua varia de um lugar para o outro; assim podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa.(p.43)

No caso da variante que está sendo analisada, todos os integrantes do **GP** moram na zona rural, mesmo tendo acesso à educação superior, e estando inseridos no contexto escolar. A característica da fala está ligada ao contexto rural; e **redes sociais**(BORTONI-RICARDO, 2004, P.48):“*cada um de nós adota comportamentos muito semelhante das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso, abemos que a rede social de um indivíduo,*

constituídas pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico.”, os falantes se adaptam ao comportamento do grupo social ao qual estão inseridos, e isso também reflete o contexto linguístico. O contexto do grupo é rural e as características da fala de ambos estão ligadas a este contexto.

Outro termo utilizado pelos falantes desse grupo foi “**toda hora**”. Essa expressão surgiu há cerca de três ou quatro anos. Ela foi logo incorporada na fala de alguns moradores entre eles os professores, pois a escola é um local de socialização do conhecimento e interação entre os membros da comunidade.

Analisamos um trecho de uma outra reunião entre os professores do CEVE denominada “trabalho pedagógico”. No grupo, estão presentes professores de diferentes estados do Brasil, como Minas Gerais, Bahia, Tocantins, Distrito Federal e Goiás.

[...] Araçá – Eles tão “falano” que se ano que “veim” se for inserida a base mesmo, os currículos têm que tá desse jeito aí.

Manacá – hóoo legal.

Jacarandá – aí olha “ôtro” nó. Tipo o mais educação. O mais educação era ruim? Não. Por que qui não funcionô? Porque não tem istrutura, eles não investe em istrutura. Aqui pra nois, “pensano,” de manhã, que são o município, onde nós “vamo infiar essir” menino do ensino médio?

Araçá – hum rum, é isso que eu tô pensano.

Jacarandá – vamos torcê que eles vem, e diz vamos construí isso, né, mas é difícil né.

Sucupira Branca – “pá” “fazê” a reforma tá aí até hoje [...]

[...] Araçá – eles falaram essa semana, dumas tal salas modulares, que o governo do estado de “Góiás” tá dando para aquelas escolas que tá sem salas, sem estruturas. Eu até ontem mandei um ofício, ela falou que as escolas que quisessem essas salas modulares que pedissem. Elas são bem bonitinhas, têm ar condicionado, quadro, mesa...

Sucupira Branca – eu acho que deve “sê” tipo aquelas tendas que colocam na FUP na época de seminário...

Pequizeiro – eu acho elas mais parecidas com aqueles “caxotinhos” branco que eles tão colocando lá, não sei se “cêis” viram...

(risos)

Pequizeiro – é gente, é sério, eles colocaru tipo uns containers, não mais é por que “cêis” num viro, tem um ano que eles “colocarú” esses “caxotinhos”, que tão posto lá, com janelinha, tudo “bunitinha” ar condicionado, mas não tem nada, não tem uma cadeira dentro, não tem uma mesa, tá lá...”

As palavras “funcionô”, “fazê”, “ôtro”, “torcê” apresentam características regionais devido à pronúncia identificada pela pesquisadora durante o processo de geração de dados. Segundo BAGNO (2007, p. 43), *“a língua varia de um lugar para o outro; assim podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.”*. Percebe-se que por se tratar de uma reunião no local de trabalho desses falantes, a influência regional da sua fala aparece. Todos os integrantes do grupo falam a língua portuguesa, porém existe a variação regional que em alguns momentos se destacava na fala dos pesquisados.

Nas palavras “funcionô”, “fazê” e “torcê” ocorre o fenômeno fonológico **apócope** que é a ocultação dos fonemas finais das palavras, “funcionou” se transforma em “funcionô” ocultando o fonema /u/ e “fazer” se transforma em “fazê” ocultando o fonema /r/, e em torcer ocorre o mesmo fenômeno que em fazer, oculta-se o fonema /r/ de torcer e surge “torcê”.

A palavra “cêis” é uma variante regional da palavra “vocês”, nesta palavra ocorre dois fenômenos fonológicos na estrutura da palavra, o primeiro é a supressão do fonema inicial /v/ chamada de Aférese e sem sequência uma Epêntese que é a adição do fonema /i/ no interior da palavra, dando origem a palavra “cêis”.

Já nas palavras “ôtro” “caxotinhos” ocorre a **Síncope**, que é o apagamento de fonemas no interior da palavra no caso de “outro” retira-se o fonema /u/ do interior da palavra surgindo “ôtro” em “caixotezinhos” ocorre a retirada do fonema /i/ + o encurtamento da palavra surgindo “caxotinhos”.

A palavra “**bunitinha**” é o resultado de uma transformação por assimilação na palavra “bonitinha” na troca do fonema /u/ substituindo o fonema /o/.

Dentro da análise das falas do GP, identificamos alguns inaquequações de concordância nas frases usadas por eles. A sintaxe que trata da relação lógica das palavras em uma frase nos ajuda a identificar tais mudanças na fala.

Na oração “*Aqui pra nois, “pensano,” de manhã, que são o município”*houve uma inadequação de concordância entre sujeito e verbo;

Exemplo: *município* é o sujeito da frase e aparece no singular; *são*: verbo ser conjugado na 3ª pessoa do plural. Entre essas duas palavra não existe concordância. De acordo com as variedades linguísticas, outra forma mais monitorada seria a seguinte: “*de manhã, que é o município*”

No período “*vamos torcê que eles vem, e diz vamos construí isso, né, mas é difícil né.*” como na frase anterior, ocorre a mesma falta concordância. Porém nesta frase existe o uso de dois verbos que não concordam com o sujeito no plural, *eles vem*, e *diz* corrigindo o monitoramento ficaria: *eles venham e digam*.

Na oração “*é gente, é sério, eles colocaru tipo uns containers, não, mais é por que “cêis” num viro, tem um ano que eles “colocarú” esses “caxotinhos...* ocorreu uma troca no uso de *mais* (advérbio de intensidade) na frase no lugar de *mas* (conjunção coordenativa) que significa porém, entretanto, contudo.

Na análise das falas do **GP** de 23 a 48 anos, pudemos observar o monitoramento da fala em contextos de interação diferentes, apesar do status socioeconômico, grau de escolaridade, grau de formalidade no contexto do CEVE e traços regionais na fala de alguns dos membros desse grupo. Por se

tratar de professores, a fala é monitorada de acordo com a situação em que ele está inserido, como na sala de aula conversando com os estudantes, em uma reunião tratando de assuntos de cunho escolar e em momentos de descontração com os colegas de trabalho.

3.2. Análise da fala de Grupo de Estudantes GE.

Neste item, analisamos a fala dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Vale da Esperança para identificarmos as variedades linguísticas usadas pelos estudantes no dia a dia. Nesta análise, percebemos que além das variedades usadas pelos estudantes, existem alguns fenômenos na língua como marcas de variações regionais na fala dos estudantes. As idades desses estudantes variam de 13 a 17 anos. A turma contém 07 estudantes do sexo feminino, com idades entre 13 e 15 anos e 8 estudantes do sexo masculino, com idades entre 14 e 17 anos.

Para identificarmos os estudantes usaremos a letra E seguida de um número. Vejamos a seguir um trecho da conversa entre os estudantes durante uma aula na qual comentam sobre um jogo de futebol:

“Professora Ionara – Gente quem terminou a atividade do caderno aprender mais? (Quem havia feito a atividade levantou a mão); Muito bem, então vamos corrigir as questões no quadro.

E.1. – Professora eu não consegui “fazê”. “Tava” muito difícil.

Professora Ionara – Qual você não respondeu?

E.1. – Só respondi a metade.

Professora Ionara – Quais?

E.1. – Só faltô a quatro e a sete. O resto eu fiz.

(existência de conversas paralelas entre os estudantes.)

Professora Ionara – gente um de cada vez, se não eu não consigo tirar a dúvida do colega.

E.4. “pissora” eu não entendi o que é argumento, mim ixplica de novo...

[...]

E.2. – hein, “ucê” num vai no jogo não?

E.3. – eu vô toda hora, “nor” vai né não canarinho*?

E.2. toda hora... “pacêro” o jogo de “dumingo”, ‘tava” bom...

E. 3. – “Ucê” viu na hora da briga dos jogadô? (risos) eu ri de mais.

E.2. – Moço eu perdi essa hora, mas fiquei “sabeno”

E. 3. (risos) foi massa de mais...

A palavra “ucê” transcrita na conversa acima é a variação regional de “você” que sofreu dois processos: aférese e assimilação. Quanto ao primeiro, ele consiste no apagamento da consoante ‘V’ em ‘você. Já a assimilação, segundo CAVALIERE (2005, p. 59), “Consiste na ação assimilatória de um fonema sobre o outro, de que resulta uma modificação desse último a ponto de dele aproximar-se (assimilação parcial) ou a ele igualar-se (assimilação total).” Na palavra ‘você’, deu-se na substituição do fonema /o/ por /u/. Em falas menos monitoradas a variação “ucê” aparece com frequência.

“Num” é o resultado de vários processos fonológicos que sofreu a palavra “não”. O primeiro é a desnasalização da vogal ‘a’. Como o til, marca da nasalidade, pressupõe a existência de um arquifonema nasal /N/ que pode se realizar ‘m’ ou ‘n’, dependendo da consoante seguinte, essa nasalidade ressurgiu por meio da prótese, isto é, o acréscimo da consoante nasal ‘m’ em final da palavra resultando em ‘naom’. Depois, houve a síncope, isto é, o apagamento da vogal ‘a’ resultando na criação da palavra ‘num’. E finalmente, a vogal ‘o’, por meio da assimilação realizou-se ‘u’, levando ao surgimento da palavra ‘num’.

A palavra “ixplica” ocorreu um processo fonológico de transformação por assimilação na troca dos fonemas /e/ por /i/ na pronúncia da palavra, o fonema

/e/ e /i/ se assimilam de maneira natural, devido em alguns casos o fonema /e/ ter o som de /i/. Porém esse fenômeno está ligado à falta de monitoramento da fala.

A palavra “vo” é o resultado da apócope sofrida pela palavra “vou”. Esse processo ocorre pelo apagamento de /u/ que, nesse caso, é uma semivogal. É também conhecido como monotongação.

Na forma “nor” que vem da palavra “nós”, ocorreu a mudança de /s/ que se realizou /r/. Apesar de serem todas consoantes alveolares, é um processo que parece não ter explicação, mas é muito comum no falar de algumas regiões brasileiras, como atesta o exemplo: ‘mesmo’ que se realiza ‘*mermu*’

Outra percepção de suma importância para a efetivação desta pesquisa, é o fator geográfico dos falantes, apesar de alguns deles serem oriundos de regiões diferentes no Brasil, permanecer com a sua maneira de falar particular, se perde ao longo do tempo de contato linguístico com pessoas de outras regiões. O que foi constatado é a apropriação de algumas expressões linguísticas particulares de cada região, como por exemplo o “uai” típico do falar mineiro, o “oxe” do falar nordestino, o “massa” do falar Baiano, o “ucê” do falar goiano rural, o “pacêro” da linguagem urbana, entre outros dialetos que por se enquadrar nas regras da comunidade de fala, os falantes passam a fazer uso dessas expressões e dialetos.

Dentro da análise das falas do GE, fizemos a análise sintática, para identificar algumas inadequações do ponto de vista prescritivo, comuns na construção de orações e frases das pessoas. A seguir, está o resultado dessas análises.

Na frase “*nor* vai né não canarinho*?” ocorreu uma inadequação de concordância entre sujeito (nor – nós) e verbo (ir – vai), o sujeito da frase está na 1ª pessoa do plural, porém o verbo usado na frase está conjugado na 1ª pessoa do singular ocasionando a inadequação de concordância verbal, mas existe uma outra forma mais monitorada que seria: “nós vamos não é, *canarinho*?”

Na frase “*Ucê viu na hora da briga dosjogadô?*” também ocorre inadequação de concordância nominal, pois a preposição “dos” estando no plural, o substantivo deveria estar de acordo com o número proposto pela preposição. Porém, existe outra forma para essa frase, corrigindo a concordância do sujeito na frase: “*Ucê viu na hora da briga dosjogadores?*” .

Na frase “*eu não entendi o que é argumento, mim ixpilica de novo...*” a inadequação ocorre na troca do pronome pessoal oblíquo átono me pelo pronome pessoal oblíquo tônico mim.

Analisamos o trecho de outro momento da fala dos estudantes que exige uma formalidade na fala devido a se tratar de apresentação do trabalho. O trabalho se trata da interpretação de um texto que fala sobre a problemática da exploração das meninas do Quilombo Kalunga pela elite da cidade de Cavalcante – GO. Fiz a análise fonológica e sintática das falas dos estudantes.

“Professora Ionara - [...] então pessoal, grupo 1, pode começar a apresentação do trabalho de vocês.

E.1. Boa tarde, “*nois*” vai falar sobre o Quilombo Kalunga. (leitura do texto do trabalho)

Professora Ionara – gente, é o seguinte, como o texto é do conhecimento de todo mundo, eu acho que vocês já podem ir direto ao ponto, começar “*falano*” o que vocês identificaram, os pontos principais do texto, entendeu...

E.1. – Tá, “*tipo*” o eixo principal do texto é que lá no quilombo, as pessoas abusava das criança e dos adolescente, “*tipo*” explorava elas, e tratava elas como doméstica de casa, e tinha 12 anos as meninas.

E. 2. – o tema motivador é a falta da escola, no quilombo que obrigava as meninas ir pra cidade pra poder estudar.

Professora Ionara – o que o grupo discutiu quando “tava” reunido quando estavam fazendo trabalho?

E.3. – a maioria foi fatos e argumentos. Sobre o porquê, o que aquela frase estaria se referindo...

Professora Ionara – me cite um fato que vocês identificaram no texto.

E.3. – é que o abuso... não a exploração sexual, era decorrente lá no quilombo, as pessoas vinha de fora, aí pegava... não vou citar idade, por que era aleatório, eles pegava crianças, adolescentes, levava pra casa pra trabalhar, e lá acontecia o abuso. Outro fato aqui também, é a exploração de minérios, tinham mineradoras famosas, e extraia, ouro, por que lá era um lugar bem rico, que era intocado pelo homem, e eles fugiam pra lá, e, isso, os quilombos surgiram na época da escravidão, os negros pegavam, os escravos no caso, eles fugiam dos seus “servidores” iam pra o quilombo. Em algum lugar eles caçavam, formavam comunidade e “ia”, sobrevivendo, que eles cansaram de, todos esses abusos, explorações, aí como lá era um lugar, assim quieto, por exemplo, “nois” tá aqui, aí a gente sai e “qué” fugi pra um lugar, “nois” “num” vai fugi, pra um lugar, que eles vai “mexê” lá, pra gente sofrê de novo, aí eles fugiam pra um lugar mais afastado, e lá eles ficavam sobrevivendo. Isso é um argumento meu uma opinião, por quê, se eu tivesse sendo um escravo aprisionado, naturalmente eu não ia ficar lá né, eu ia querer “vazar”, aí pra sobreviver, eu ia querer caçar um lugar pra, viver [...]

Professora Ionara – e esse argumento seu é baseado em quê?

E.3. – Baseado sobre, a escravidão que acontecia antes, e os escravos fugiam para o quilombo. Isso é minha opinião sobre o que aconteceu.

Professora Ionara – e isso é o quê?

E.3. – argumento.

Professora Ionara – não isso é um contexto histórico. Você contextualizou a história, deu a definição do que era o quilombo, a partir do seu ponto de vista. Tá? Muito bem.

A palavra *nois* é o resultado de uma Epêntese que é a adição de um fonema no interior da palavra no caso /i/, modificando a palavra *nós* em *nois*. Mas percebemos que o *nois*, é um vício linguístico que já está arraigado na fala dos pessoas, independente da faixa etária.

As expressões “*tipo*” e “*vazar*” são gírias usadas pelas pessoas independente da sua faixa etária, grau de escolarização ou status socioeconômico do CEVE. A expressão *tipo* é usado no lugar de *por exemplo* e a expressão “*vazar*” substitui frases como *ir embora*, *sair daqui*, isso dependerá do contexto que o falante está.

As palavras *quer*, *fugir* e *mexer* sofreram Apócope que é o resultado da supressão do fonema final das palavras surgindo *qué*, *fugi* e *mexê*, isso é muito comum na fala das pessoas, se caracteriza como um vício de linguagem ou falta de monitoramento na fala. Porém essas mutações, não implicam em mudança radical da palavra, já estão tão presente na fala das pessoas que essas supressões passam despercebidas.

A palavra “*falano*” é resultado de uma Síncope na palavra “*falando*”, nessa transformação o fonema /d/ foi excluído da palavra, surgindo a forma “*falano*” isso depende muito da região do falante e do monitoramento da fala.

Uma expressão que identificamos muito usada pelos falantes do GE foi *aí*, de acordo com o contexto em que essa expressão foi usada, *aí* é usada na fala oral como uma *conjunção explicativa*, pois essa expressão estabelece relação entre duas orações, o falante estava expondo o que havia compreendido do texto lido, ou seja explicando o trabalho.

Novamente, fizemos a análise sintática das orações e frases usadas no GE para identificarmos algumas mudanças na construção dessas frases e orações.

Na frase *“Boa tarde, “nois” vai falar sobre o Quilombo Kalunga.”*, houve uma inadequação de concordância entre pessoa e verbo. No caso de nois vai o verbo não concorda com o sujeito que está na 1ª pessoa do plural, a forma monitorada dessa frase, seria: *“Boa tarde, nós vamos falar sobre o Quilombo Kalunga.”* Isso é resultado da variação geográfica, grau de escolaridade e monitoramento da fala, como se trata de estudantes do ensino fundamental fase II, moradores da zona rural, é normal a essa falta de monitoramento na fala, pois muitos independente da interação social entre as pessoas em ambientes diferentes, falam da mesma maneira em diferentes contextos, ou seja, o falar rural.

Na oração *“Tá, “tipo” o eixo principal do texto é que lá no quilombo, as pessoas abusava das criança e dos adolescente, “tipo” explorava elas, e tratava elas como doméstica de casa...”* ocorre também uma inadequação de concordância do sujeito agente da oração peessoas com os verbos usados abusava, explorava, tratava; inadequação de concordância foi entre a preposição dos no plural com o substantivo adolescente no singular o mesmo acontece entre o pronome elas no plural com o substantivo doméstica, isso é devido à informalidade da fala levando em consideração o modo de falar rural, o estudante usou da função da linguagem para expressar o que havia entendido do texto. A organização da sentença mais aceitável segundo a norma padrão da língua portuguesa, excluindo a variante *“Tá”*, a gíria *“tipo”* e a repetição do pronome pessoal *elas* é: *o eixo principal do texto é que lá no quilombo, as pessoas abusavam das crianças e dos adolescentes, exploravam-nas, e as tratavam como doméstica.*

Outra frase analisada foi a seguinte: *“o tema motivador é a falta da escola, no quilombo que obrigava as meninas ir pra cidade pra poder estudar”*, o verbo usado pelo falante está no infinitivo ir não concordando com o sujeito da oração, no caso as meninas, fala o verbo não foi conjugado para haver concordância na oração. Se a oração for organizada de maneira monitorada

ficaria a seguinte: “o tema motivador é a falta da escola, no quilombo que obrigava as meninas irem para cidade para poder estudar”.

Na frase “o que o grupo discutiu quando “tava” reunido quando estavam fazendo trabalho?”, ocorre uma falta concordância do sujeito *o grupo* com o verbo *estar* no passado conjugado na 3ª pessoa do plural *estavam* e a existência de um vício de linguagem resultado de uma Aférese na palavra *estava* resultando em “*tava*”, a formade organizar a frase analisada corrigindo o monitoramento e retirando as palavras quando e estavam é: *o que o grupo discutiu quando estava reunido fazendo trabalho?*.

Na oração “as pessoas vinha de fora, aí pegava... não vou citar idade, por que era aleatório, eles pegava crianças, adolescentes, levava pra casa pra trabalhar, e lá acontecia o abuso...”, novamente identificamos inadequação de concordância entre o sujeito: as pessoas e os verbos usados pelo falante: pegava e levava, organizando a frase, de forma monitorada, excluindo a expressão *aí*, e corrigindo à conjunção subordinativa *pra* é: “as pessoas vinham de fora, pegavam... não vou citar idade, por que era aleatório, eles pegavam crianças, adolescentes, levavam para casa para trabalhar, e lá acontecia o abuso...”.

Na frase “...os negros pegavam, os escravos no caso, eles fugiam dos seus “servidores” iam pra o quilombo.”, ocorre um fenômeno de hipercorreção, que segundo BORTONE e ALVES (2016 p. 131) ao citar BORTONI – RICARDO [e tal...] diz: “A hipercorreção é um fenômeno de linguagem muito comum entre pessoas que se deram conta da existência de “outro falar” muito mais prestigiado do que o seu. Essas pessoas também desejam ser usuárias dessa forma prestigiada, do “falar mais correto”. Para tal, esforçam-se em “corrigir” sua fala e acabam incorrendo no erro de corrigi-la demasiadamente. No caso a palavra “servidores” usada pelo falante, substitui outras palavras mais simples e adequadas para a frase falada, como por exemplo “senhores”. Corrigindo essa frase, excluindo os verbos pegavam e iam da frase, pois foi usado de forma espontânea, monitorada ficaria da seguinte forma: “...os negros, os escravos no caso, eles fugiam dos seus “senhores” pra o quilombo.”.

Na frase “nois” “num” vai fugi, pra um lugar, que eles vai “mexê” lá, pra gente sofrê de novo, identificamos novamente inadequação de concordância verbal, o uso de palavras que sofreram transformações fonéticas já explicadas anteriormente e uma figura de palavra mais especificamente um clichê (tipo de figura de palavra), que consiste no uso frequente de uma palavra a tornando banal, no caso de *mexê*, que tem o sentido de encontrar, vasculhar. De acordo com correção das inadequações gramaticais identificadas nessa frase, ela ficará da seguinte forma: “Nós não vamos fugir, para um lugar, que eles vão nos encontrar lá, para gente sofrê de novo...”, o mesmo ocorre na frase “*naturalmente eu não ia ficar lá né, eu ia querer “vazar”, aí pra sobreviver, eu ia querer caçar um lugar pra, viver [...]*”

O GE de 13 a 17 anos, apresenta uma fala característica do falar rural pois é o espaço em que estão inseridos e convivem diariamente com outros grupos sociais que influenciam no seu comportamento e no seu modo de falar, um não monitoramento da fala que foi identificado a partir da análise da organização das frases e orações usadas por eles em diferentes contextos, a presença de dialetos novos com uma frequência maior na fala desse grupo, dar-se-á pelo fato de estarem na adolescência e existir a facilidade de se adaptar as mudanças no ambiente.

Desse grupo, podemos dizer que é o principal responsável por agregar ao contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança novas formas linguísticas, além de estar em idade escolar e em constante aprendizado, é ele que faz a “filtragem” das novidades que chegam até o colégio.

Mesmo com a migração de pessoas de outras regiões do Brasil para o Assentamento Vale da Esperança em Goiás, percebe-se que todos com o tempo de convívio no território goiano agregam a sua fala ou modifica-se totalmente a sua fala para o modo de falar goiano.

A análise de trechos da fala dos grupos observados no Colégio Estadual Vale da Esperança nos mostra o leque de variações que uma língua pode sofrer a partir da interação de pessoas de diferentes territórios e idades no

mesmo espaço, levando em consideração os fatores extralinguísticos que influenciam a língua.

CAPÍTULO IV REFLEXÕES DA PESQUISA:

As reflexões e contribuições da professora pesquisadora.

Ao iniciar esta pesquisa busquei investigar os fenômenos linguísticos existentes na fala dos grupos observados no contexto do Colégio Estadual Vale da Esperança. Esse objetivo foi alcançado. Porém, fomos mais além na reflexão sobre a contribuição do presente tema a partir das observações realizadas.

Para início de conversa, falaremos da motivação da pesquisa no campo da sociolinguística. Ao cursar a Licenciatura em Educação do Campo, e mesmo antes disso, o interesse pela língua portuguesa e por toda a área da linguagem já me faziam observar alguns fenômenos linguísticos existentes nas falas das pessoas com quem convivo e convivi durante a minha vida. De certa forma, ao meu ver, a maneira como muitos falavam, por ser diferente da minha, julgava como errado, feio, caipira, estranho. Mas, com o conhecimento adquirido durante a graduação, percebi o quão importantes e ricossão esses fenômenos na língua. Eles são o resultado do nosso processo histórico, resultado da interação de diferentes grupos durante os 519 anos de Brasil são a nossa herança linguística e fazem parte da nossa cultura.

Aceitar as particularidades de cada indivíduo em sua totalidade, sendo incluso nessa perspectiva, o modo próprio de falar de cada pessoa, é refletir sobre a amenização do preconceito linguístico a partir do conhecimento. Isso por compreenderque: *“a língua não é um produto artificial”* (BAGNO, 2007), e sim resultado da interação social entre povos. Cheguei a essa conclusão a partir de muito estudo e pesquisa.

No contexto escolar do CEVE, como professora regente de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, presencio diariamente a existência dos fenômenos da variação linguística e fenômenos fonológicos presentes na fala dos estudantes e também dos professores do CEVE. Identificamos organizações sintáticas que não correspondem as exigências da norma padrão e não apresentam uma estética “bonita” para aqueles que **não** concordam com os fenômenos linguísticos. Porém, existe uma outra vertente que explica os fenômenos dessas organizações sintáticas, usadas por cada falante, a **competência comunicativa**Hymes (1974). Busco fundamentação teórica em BORTONI-RICARDO, (2004), que à cerca da **competência comunicativa** diz:

De acordo com a teoria desenvolvida por Chomsky, conhecida como gramática gerativa, a *competência* consiste no conhecimento que o falante tem de um conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de sentenças, reconhecendo aquelas que são bem formadas, de acordo com o sistema de regras da língua. Cabe aqui uma observação quanto a expressão “bem formadas”. Todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma

língua são bem formadas, independentemente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades. (p. 71).

A partir dessa definição trazida por BORTONI-RICARDO, (2004), compreendo que para o falante, a sua maneira de organizar as palavras para emití-las estão de acordo com regras da norma padrão. Pois eles conseguem se comunicar e atingir o objetivo de tal comunicação. E não podemos julgar a sua maneira de falar como “errada”. Pois os falantes têm ciência das regras por eles usadas, as ditas “regras de português”. Ainda segundo BORTONI-RICARDO, (2004):

Essas sentenças podem surgir as regras da chamada língua padrão ou as regras das variedades rurais ou urbanas. Em um outro caso, serão bem formadas. Não se pode confundir, pois, o conceito de sentenças bem formadas, que provém da noção de competência, com a noção de “erro” que as nossas gramáticas normativas defendem. Na ótica prescritiva dos gramáticos normativos, toda sentença que não siga regras da chamada língua padrão é “errada”. Mas você já sabe que a linguagem usada no polo rural/urbano do contínuo é simplesmente *diferente* da linguagem usada no polo urbano em estilos monitorados. (p.72).

Com essa definição de BORTONI-RICARDO compreendemos que as sentenças apresentadas na análise de dados por estudantes e professores do CEVE, no capítulo 3, apresentam esse estilo próprio de cada falante organizar as suas sentenças, levando em consideração as suas variantes regionais, suas redes sociais, grau de escolarização e status sócio econômico.

Esses fenômenos, me levam a refletir sobre como tratar da variedade linguística na sala de aula, assim também os questionamentos tais como: apresentar outra variedade linguística sem excluir ou gerar constrangimento ao falante? Explicar a importância de uma fala monitorada pelo professor na sala de aula?

Partindo dos objetos de estudo da sociolinguística, **os efeitos da sociedade sobre a língua humana**, podemos explicar a importância de apresentar os estilos de fala em diferentes contextos, ou seja as variedades linguísticas “apropriadas” para cada situação, no contexto da sala de aula. Essa importância de ser apresentado pelo professor estilos monitorados de fala aos estudantes na sala de aula, é devido a escola ser um local de socialização

do conhecimento e o professor ser o mediador desse conhecimento. No que isso implica? O professor por ser o mediador do conhecimento, deve se monitorar para os estudantes irem compreendendo os estilos de fala em diferentes contextos. O professor é um exemplo em suas ações, no seu comportamento e na sua fala. Devemos valorizar o estilo próprio do falante? Sim, devemos. Pois cada um de nós está diretamente inserido em contextos de falas diferentes diariamente, mas também é preciso apresentar estilos diferentes de fala para cada contexto, pois vivemos em uma sociedade onde infelizmente ainda existe o preconceito linguístico, regras da língua padrão e isso gera constrangimentos, humilhações e problemas de interação social. Devemos tratar a importância desses estilos para que cada falante exerça suas competências linguísticas em cada contexto, por exemplo como se apresentar e se dirigir a um juiz em um tribunal, como apresentar um trabalho de escola ou um seminário de grandes e pequenas proporções. A escola é tida como um local de aquisição do conhecimento, o estudante não irá somente aprender as competências de cada disciplina, mas também a importância de cada uma delas para a vida. E isso implica em diferentes estilos de fala.

Como trabalhar as variedades linguísticas na sala de aula? Com a prática de professora regente da disciplina de Língua Portuguesa, e por estar observando diretamente os estilos de fala e escrita de cada estudante, podemos tratar da variação linguística na sala de aula, fazendo uso de sentenças organizadas por cada falante, recorrendo aos textos escritos pelos próprios estudantes, para fazer análises sintáticas com apoio da gramática normativa empregando as classes gramaticais e identificando-as no processo. Fazer uso de textos de diferentes gêneros textuais trabalhados nas aulas de língua portuguesa e outras disciplinas, apresentar os diferentes estilos de fala em cada contexto. Podemos fazer uso das diferentes linguagens como música, teatro, poesia para trabalharmos as questões pertinentes da língua. Assim acredito que os estudantes e até mesmo os professores irão compreender o conceito de competência comunicativa, variações regionais e variação estilística.

Essas reflexões estão de acordo com um dos objetivos específicos desse trabalho: **como podemos tratar a variedade linguística dos pesquisados para refletir sobre o ensino de língua portuguesa**, pois tudo está interligado e busca como melhorar o ensino de Língua Portuguesa, valorizando as variedades da língua sem prejudicar o ensino nessa disciplina. Essas sugestões de trabalhos desenvolvidos na disciplina para tratar da variedade linguística não implicam no currículo base da disciplina, pois pode-se agregar essas questões a partir da leitura de textos de diferentes gêneros textuais e reflexões do uso das variações linguísticas e gramaticais que o currículo exige.

O ensino da língua portuguesa, na perspectiva da Educação do Campo, de relacionar os conteúdos escolares com a vida do educando, está ligado diretamente na práxis no ensino da língua.

Sobre o grande debate na pesquisa sobre o surgimento de uma nova variedade linguística no contexto do CEVE, percebo que as variedades coexistem, devido à interação entre as pessoas e as influências que a língua sofre por conta dessas interações. Muitas das expressões que sofrem modificações na fala como **tô= estou, pra= para, armaria e toda hora**, são comuns na fala das pessoas pesquisadas nesse contexto. Pelo fato de as palavras e expressões estarem presentes da fala das pessoas, afirmar a existências de novas formas implicaria em uma investigação mais detalhada do histórico de fala da comunidade escolar pesquisada, pois levo em consideração os fatores extralinguísticos que acarretam as modificações e fenômenos na língua. A partir desses fatores extralinguísticos, pude identificar a influência direta na fala dos grupos investigados.

Sendo assim, acredito que o presente trabalho contribui de forma significativa na reflexão e ações do ensino da Língua Portuguesa e outras disciplinas no Colégio Estadual Vale da Esperança, pois trata das questões de vivência dos públicos pesquisados, apresenta o contexto de fala desses grupos de maneira a contribuir com a pesquisa científica e gerar dados que possam agregar o trabalho dos profissionais de educação do Colégio Estadual Vale da Esperança. Isso é relacionar os conteúdos científicos com a vida.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007. P. 38 – 48.

BORTONI – RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004. P. 48 – 72.

BORTONI – RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. P. 14 – 40.

CALDART, R. S. Educação do Campo. In__ **Dicionário da Educação do Campo.** Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira ... [et al]. 3ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013. P. 257 – 258.

CARDOSO, C. R. e COBUCCI, P. Concordância de Número do Português Brasileiro. In__ **Por que a escola não ensina gramática assim?** Organização Stella Maris Bortoni – Ricardo, Rosineide Magalhães de Souza... [et al.] 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. P. 74.

CAVALIERE, R. S. **Pontos essenciais em fonética e fonologia.**Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P 56 – 60.

CRESWELL, Jhon. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto:** tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu Silva. 3ª edição. Porto Alegre, 2010. P. 206 – 208.

MOLINA, M. C. e SÁ, L. M. Licenciatura em educação do Campo. In__ **Dicionário da Educação do Campo.** Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira ... [et al]. 3ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013. P. 466 – 467.